

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

THAÍS ARAÚJO FIALHO KNEIPP

O idioma coreano como prática de liberdade

Rio de Janeiro

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O idioma coreano como prática de liberdade

THAÍS ARAÚJO FIALHO KNEIPP

thaiskneipp@gmail.com

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Banca examinadora da Faculdade de Educação
para obter a Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Rio de Janeiro

2019



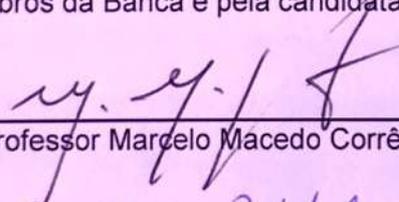
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

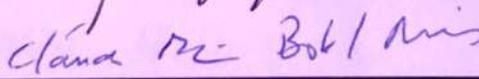
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

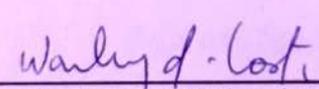
Aos vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e dezenove, na sala do Conselho de Coordenação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reuniu-se em sessão pública a Banca Examinadora da Monografia intitulada **O idioma coreano como prática de liberdade**, de autoria da graduanda **Thaís Araújo Fialho Kneipp**, DRE 112190090, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca foi constituída pelos professores: Cláudia Maria Bokel Reis, Warley da Costa e Marcelo Macedo Corrêa e Castro, este na condição de orientador e presidente da sessão. Às catorze horas, a sessão foi aberta, convidando-se a candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que a candidata dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia APROVADA com a nota 8,0 (oito). O presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 16:20. E, para constar, foi lavrada a presente Ata que, lida, aprovada e assinada por todos os membros da Banca e pela candidata.



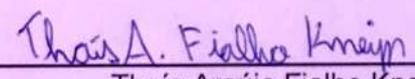
Professor Marcelo Macedo Corrêa e Castro



Professora Cláudia Maria Bokel Reis



Professora Warley da Costa



Thaís Araújo Fialho Kneipp

RESUMO

Neste estudo veremos como um idioma de pouca circulação na cidade do Rio de Janeiro obteve espaço dentro de uma escola pública localizada na zona norte da cidade. Com a apresentação do tema e a descrição de meu primeiro contato com o idioma e com o tema escolhido, descrevo no estudo as políticas curriculares que abrangem o ensino de línguas estrangeiras modernas para a compreensão da inclusão do idioma coreano no espaço escolar. Apesar das políticas curriculares vigentes, o idioma demonstrou-se carregado de significados e de interesse dos estudantes, já que a sua permanência no ambiente escolar se originou na mobilização dos estudantes. Com as discussões atuais de currículo, concentrei o foco do estudo em demonstrar como as políticas se regem e que, apesar das disciplinas serem impostas aos estudantes, o forte interesse dos estudantes se demonstrou em uma prática de liberdade de escolha pela aprendizagem do idioma.

Palavras-chave: educação, políticas curriculares, idioma coreano, prática de liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor orientador, Marcelo Macedo Corrêa e Castro, pela paciência, pelas conversas, pela ajuda e pelas orientações ao estudo.

A todos os professores que participaram de minha jornada acadêmica e que contribuíram positivamente para o meu crescimento pessoal e profissional como futura Pedagoga.

A professora Claudia Maria Bokel Reis por ter participado da minha banca de defesa e por ter me ajudado com contribuições importantíssimas para esse estudo.

A professora Warley da Costa pela paciência, devolutiva e por todo o aprendizado durante as aulas da faculdade e na minha defesa.

À minha mãe Maysa, meu pai Erwin e meu irmão Thiago, que sempre estiveram presentes e que me ajudaram durante toda essa jornada acadêmica, que me apoiaram muito nos momentos de dificuldades e de tristeza.

A meus colegas e amigos de curso que sempre estiveram presentes em momentos de angústia e de aperto diante as dificuldades e que nunca deixaram de se animar e que trouxeram esperança para uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

À Faculdade de Educação da UFRJ, por completar 50 anos e por ser esse espaço de debates, de democracia e de resistência em tempos sombrios.

Ao meu avô Wilson (in memoriam) e minha avó Marlene (in memoriam) por serem os maiores exemplos de perseverança e de gentileza neste mundo.

SUMÁRIO

1. Capítulo 1: Introdução geral ao estudo.....	6
1.1. Meu primeiro contato com o estudo.....	6
1.2. A chegada ao colégio estadual.....	8
1.3. Aproximando-me do campo de pesquisa: o curso de coreano e a explosão do k- pop.....	10
1.4. Como o idioma coreano se transformou em um objeto de interesse, responsabilização e liberdade dos alunos da escola estadual e no curso de coreano.....	12
1.5. Descrição do estudo.....	13
2. Capítulo 2: Compreendendo o currículo escolar.....	14
2.1. A origem do idioma coreano.....	15
2.2. Uma breve história dos idiomas estrangeiros nos colégios públicos da cidade e a implementação do idioma coreano na escola.....	17
2.3. Escolas Interculturais: Um paralelo da importância das escolas de fronteiras para a inclusão de línguas estrangeiras modernas no currículo escolar.....	24
2.4. O idioma coreano como prática de liberdade.....	27
3. Capítulo 3: Políticas curriculares atuais.....	31
3.1. Línguas estrangeiras modernas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	32
3.2. Compreendendo a Base Nacional Comum Curricular.....	35
3.3. Coreano como escolha: um paralelo com o novo ensino médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio.....	37
3.4. O coreano na prática: Como se integram os centros de interesse com o aprendizado.....	40
4. Considerações finais.....	44
5. Referências bibliográficas.....	47
6. ANEXOS.....	49
6.1. Entrevistas.....	49

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO GERAL AO ESTUDO

1.1. MEU PRIMEIRO CONTATO COM O OBJETO DE ESTUDO

Como introdução de meu estudo, vou brevemente relatar sobre mim. Sou aluna de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pensei em fazer um TCC que trouxesse um tema que contribuísse ativamente para os colegas e futuros profissionais da área da educação. Por mencionar manifestações ativas do interesse dos estudantes com uma disciplina que não está integrada ativamente no currículo da escola estudada, penso que o estudo trará uma nova perspectiva e um rompimento com as concepções tradicionais de currículo escolar.

Minha aproximação com o campo de estudo foi crescendo ao término do ensino médio e com a escolha do curso que eu faria na faculdade. Por me interessar por literatura e por ensino, cogitei a escolha de fazer Letras, em vez de Pedagogia. Ao cursar Pedagogia, aprendi como a área educacional é enorme e por estar em constante movimentação e crescimento, me interessei pela Educação de Jovens e Adultos, Gestão Escolar, discussões de currículo e pela Educação Infantil.

Pensando em meus interesses dentro do campo educacional, estruturei um estudo que demonstrasse ativamente o processo de inclusão de uma disciplina ao currículo escolar, como os estudantes se apropriaram ativamente e se responsabilizaram pelo conhecimento adquirido ao longo das aulas de idioma coreano.

Para que possamos compreender melhor o fenômeno da inclusão de uma disciplina de língua estrangeira no currículo escolar, nas páginas seguintes haverá uma introdução para a pesquisa que foi realizada em um colégio estadual localizado no bairro de Bonsucesso na cidade do Rio de Janeiro, onde estão ocorrendo as aulas de língua coreana.

Meu primeiro contato com o idioma propriamente dito foi quando me matriculei em aulas presenciais em um curso do idioma localizado no bairro de Cachambi na zona norte da cidade.

Esse curso de coreano se originou como um curso de Taekwondo durante as semanas nos três turnos. Como os alunos da arte marcial mostravam interesse pelo aprendizado do idioma, o curso começou a oferecer aulas de idioma coreano para os estudantes que já frequentavam a instituição. A procura pelo curso começou a se intensificar nos próximos anos, então começaram a serem ofertadas as aulas de idioma coreano para aqueles que desejassem aprender o idioma.

Comecei minhas aulas presenciais no primeiro semestre de 2014 e permaneci no curso durante três semestres. Cada nível de aprendizado no idioma tem a duração de um semestre no curso e para que você passe para o nível seguinte, é obrigatório realizar as provas e obter um grau satisfatório para começar o próximo nível de aprendizado.

Como estudante do curso, conheci os professores que trabalhavam na instituição e, em especial, acompanhei a trajetória da professora L.¹ como professora regente das turmas de quarto nível e das turmas que se originaram na escola estadual aqui pesquisada. Futuramente descreverei a experiência de integração do idioma ao currículo sob responsabilidade de apenas uma professora titular com formação na Coreia do Sul.

Diferentemente do curso de idioma em Cachambi, o colégio estadual em Bonsucesso oferece aulas gratuitas de coreano para seus alunos e atualmente conta com três turmas nos turnos matutino e vespertino. Quando falo de colégio estadual, *público*, desejo chamar a atenção para os alunos que compõem essa turma, sendo maioria do próprio bairro e das comunidades que o cercam – como o Complexo da Maré².

Muitos de meus amigos de curso faziam o idioma porque escolheram, desejaram e consideraram o idioma como uma realização pessoal em suas vidas. Estar no curso e vivenciar essa experiência colocou todos em um estado de felicidade e de realização.

Conviver com colegas que se sentiam satisfeitos e realizados com o aprendizado do idioma coreano desenvolveu um interesse em mim como pesquisadora e futura Pedagoga. Observar que um idioma obtém uma característica de liberdade e de rompimento com as concepções tradicionais de ensino das instituições escolares foi uma revelação inesperada e surpreendente. A razão por trás dessa satisfação tem uma relação direta com a iniciativa dos estudantes, pela liberdade em escolher uma disciplina por si só e que, até então, não estava presente no currículo das instituições escolares.

Essa percepção não se limitou apenas ao curso de coreano, visto que o idioma conseguiu entrar em um espaço escolar público. Com a informação de que uma escola estadual começou a oferecer aulas de idioma coreano para os alunos, senti uma necessidade de investigar e constituir este estudo.

Primeiramente, fui diretamente à escola para obter mais informações sobre a disciplina de idioma coreano. Fui recepcionada pelos alunos, que me mostraram a sala, as dependências escolares e me apresentaram aos que estavam tendo aula naquele momento. As aulas de

¹ Nome fictício para a professora entrevistada nesse estudo com finalidade de preservar a sua identidade.

² O Complexo da Maré é um conjunto de comunidades localizadas na zona norte do Rio de Janeiro e que fazem divisa com vários bairros incluindo Bonsucesso, Manguinhos, Caju e a Cidade Universitária.

idioma coreano eram ministradas pela professora L., responsável pela criação do curso do próprio idioma. Tive a oportunidade de conhecer alguns alunos, que animadamente me perguntavam sobre a minha faculdade e falavam sobre o curso de coreano – de como era diferente do que estavam acostumados na escola.

Conversando com o diretor da instituição sobre a introdução do idioma coreano ao colégio, descobri que é um projeto da SEEDUC³ junto ao Consulado da Coreia do Sul⁴ e que a escola ainda estava se adaptando ao novo idioma. Como os alunos demonstraram um grande interesse pelo idioma, o projeto foi capaz de ter continuidade.

Para começar o estudo, procurei a Coordenadoria Metropolitana⁵ responsável pela escola para uma orientação de como proceder para começar o estudo. Chegando ao local, esperei e expliquei aos funcionários que gostaria de obter uma permissão para realizar um estudo dentro de uma escola estadual e obtive a permissão do diretor do colégio, da professora regente de coreano e de estudantes que frequentavam as aulas do idioma.

A maior aproximação com as turmas e os alunos se originou no contato com a professora L. Como era uma antiga estudante, ela permitiu que eu a acompanhasse em algumas aulas para observar o processo de adição do coreano dentro do espaço escolar para realizar o meu estudo. Nosso primeiro contato se deve no próprio curso de coreano e conversando pessoalmente com a professora. Falando como gostaria de realizar um estudo detalhado sobre a inclusão do coreano e as inúmeras tentativas de divulgação do idioma, minha entrada e acompanhamento foi permitido em ambas as instituições.

1.2. A CHEGADA AO COLÉGIO ESTADUAL

³ SEEDUC é a Secretaria Estadual de Educação, responsável pelo início do projeto e seu desenvolvimento juntamente com o Consulado Sul-Coreano.

⁴ Como o Rio de Janeiro não possui representação do país, toda a atividade foi elaborada pelo Consulado da Coreia do Sul localizado em São Paulo.

⁵ Para a melhor administração das escolas, a SEEDUC realiza uma separação das escolas estaduais – que ficam sob a responsabilidade das Coordenadorias Metropolitanas.



A fotografia acima capta um momento, talvez até inusitado, dentro de uma escola pública estadual na cidade do Rio de Janeiro: uma sala de um idioma de pouca circulação na cidade e que possui aulas presenciais na instituição, o coreano.

Talvez tenha se transformado em rotina para a escola ter aulas de coreano ofertadas nos turnos matutino e vespertino. Para chegar ao local de estudo do idioma coreano, é necessário entrar na escola, dirigir-se até a biblioteca, para então encontrar a porta decorada com as bandeiras da Coreia do Sul e do Brasil.

Ao chegar à entrada, é impossível não perceber os alunos repetindo as palavras que a professora nativa fala com paciência. Os alunos prestam atenção, franzem o cenho e perguntam uns aos outros sobre as novas palavras que acabaram de aprender. Em seus rostos há um misto de confusão e alegria por estarem naquela aula de um idioma completamente novo para eles.

Resolvi começar o meu estudo com um pequeno relato ao chegar à sala do idioma coreano, pois se trata de um fenômeno pouco comum dentro dos colégios públicos e privados: a inclusão e uma sala para um idioma de pouca circulação. O programa de coreano começou oficialmente em 2017 e é a primeira escola pública a oferecer aulas de coreano para seus alunos nos turnos matutino e vespertino.

1.3. APROXIMANDO-ME DO CAMPO DE PESQUISA: O CURSO DE COREANO E A EXPLOSÃO K-POP.

“Ah, você gosta de K-Pop, não é?” Essa pergunta foi feita em minha primeira visita à escola, indagada por uma funcionária que sorria enquanto me falava alguns detalhes sobre a pequena turma que estava tendo aulas de coreano naquele exato momento.

Atualmente, podemos dizer que o K-Pop, como é chamada a música sul-coreana, é uma grande responsável pela distribuição e o aumento da procura do aprendizado de coreano. Como a música sul-coreana é amplamente conhecida hoje em dia, é comum a associação do interesse do aprendizado do idioma com o crescimento da música e de outras atividades do país. A música apresenta grande influência; contudo não é a principal fonte de interesse dos estudantes, visto que há também motivações pessoais e profissionais para a procura do ensino.

Meu primeiro contato com o idioma coreano foi quando assisti a uma novela recomendada por uma amiga do ensino médio. A novela era sul-coreana e se chamava “A Primavera de Oh Dal Ja”, que conta a história de uma mulher solteira aos 33 anos e como ela se envolveu em uma reviravolta em sua vida pessoal e profissional.



Figura 1: Novela da emissora sul-coreana KBS, “A primavera de Oh Dal Ja” que foi ao ar em 2007. Retirada do site em comunidade aminoapps.com.

Cursei o ensino médio de 2008 até 2010. Naquela época, as divulgações de conteúdos de outras culturas eram feitas através de conversas pessoais ou então de conversas digitais no Orkut ou MSN. Por conviver com jovens interessados na cultura oriental e por ter me

desenvolvido e crescido durante a popularização dos desenhos animés no Brasil, não havia como desconhecer ou deixar passar despercebida essa introdução para a cultura sul-coreana.

Com um pouco de dificuldade e estranhamento ao ver um grupo de *K-Pop* ser apresentado a mim pela primeira vez por colegas estudantes, consegui conhecer e compreender um pouco as evoluções da música e da cultura sul-coreana com o grupo TVXQ.



Figura 2: Grupo de pop coreano, TVXQ, ensaia uma apresentação em um programa musical da emissora sul-coreana KBS, chamado ‘Music Bank’. Retirada do site entertain.naver.com.

Com o intuito de aprender o idioma coreano, matriculei-me nas aulas presenciais do primeiro curso de idioma coreano na cidade do Rio de Janeiro. O curso começou com aulas de *Taekwondo* e, por causa do interesse dos alunos em aprender o idioma para auxiliá-los durante a aula da arte marcial, as primeiras lições de coreano começaram naquele local improvisado.

Os estudantes eram divididos em níveis e era possível avançar de nível a cada semestre ao realizar uma prova para demonstrar os conhecimentos adquiridos durante o módulo do curso. Ao ingressar em uma turma iniciante de coreano, o principal objetivo era que nós fôssemos alfabetizados com sucesso naquela nova língua. Durante os horários de entrada e saída, as mais variadas conversas sobre a cultura sul-coreana faziam-se presentes nos ambientes da instituição, onde os alunos tão empolgados conversavam sobre os atores famosos, as novelas, as músicas e a dificuldade em decorar todas as vogais.

Uma observação interessante que notei durante o período que fui aluna no curso de coreano é como os alunos parecem se apropriar do conceito de que o próprio idioma é um

tópico de escolha e de liberdade dentro do currículo escolar (FREIRE, 1999). Por pertencermos a diferentes instituições educacionais (alguns estudavam em colégios públicos, particulares e até mesmo estudantes de ensino superior em maioria), o assunto mais mencionado em conversas era como o idioma coreano oferecia uma característica completamente diferente das disciplinas que existiam dentro de um currículo escolar.

O coreano era, então, preenchido com significados dos estudantes, além de carregar diversos materiais para as aulas práticas – como elementos culturais da Coreia do Sul. No próximo tópico desenvolverei mais detalhadamente o idioma coreano ter se transformado em objeto de interesse, responsabilização e liberdade dos estudantes.

1.4. COMO O IDIOMA COREANO SE TRANSFORMOU EM UM OBJETO DE INTERESSE, RESPONSABILIZAÇÃO E LIBERDADE DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL E NO CURSO DE COREANO

Durante meus momentos de pesquisa na escola e como estudante no curso de coreano, foi interessante observar muitos colegas de turma definem o coreano como um momento de prazer e de alto interesse por aprender outra língua, além de fornecer uma grande compreensão de outra cultura.

Buscando compreender esse fenômeno, conversei com os estudantes e meus colegas de curso durante os momentos em que nos encontrávamos. Ao longo do curso, pude perceber uma enorme pluralidade de motivos para que os alunos quisessem aprender o idioma coreano: seja pessoal, profissional ou até familiar. Existia uma brincadeira onde os alunos diziam entre si: *“Se alguém perguntasse por que estou estudando coreano, vou falar que me interessei pela Coreia do Sul”*, mas essas palavras eram carregadas de liberdade e vontade dos alunos perante a matéria. Quando digo que tais palavras representavam um discurso de liberdade dos estudantes, refiro-me as experiências que cada um deles tiveram com os currículos das instituições que estudaram, ou seja, a maioria dos alunos que faziam o curso do idioma coreano tinha uma concepção tradicional do currículo escolar, onde o idioma coreano representava um ponto diferencial e que poderia contribuir com elementos para suas formações como cidadãos e estudantes.

Ao longo de minha convivência no curso, era extremamente comum a conversa sobre as instituições em que estudávamos, exaltando como as disciplinas escolares eram difíceis e como o curso de coreano ajudava a relaxar.

Esse ponto tornou-se forte no colégio estadual. Durante a minha entrevista com o diretor e com algumas estudantes da disciplina no colégio, o coreano ocupou um espaço na escola – não somente um espaço físico com sua própria sala de aula, mas um espaço em que os alunos lutaram para que houvesse continuidade do projeto.

1.3. DESCRIÇÃO DO ESTUDO

Considerando que o idioma coreano não possui uma circulação expressiva na cidade do Rio de Janeiro, esse fenômeno me chamou a atenção por ocorrer em um colégio público. Por ser uma estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, busquei relacionar esse fenômeno do idioma coreano com os tópicos que foram discutidos em minha faculdade ao longo das aulas. Tendo em mente que existem projetos chamados de “Escolas Interculturais” na rede estadual, que possui cinco colégios bilíngues para valorizar aspectos culturais e a interculturalidade, cabe ressaltar aqui a importância da existência desses colégios interculturais e como eles oferecem em seu currículo aulas de outros idiomas além do idioma inglês e do espanhol, comumente vistos dentro das instituições escolares.

Com o intuito de delimitar o foco do estudo, foram realizadas três entrevistas que serão disponibilizadas integralmente no anexo. As entrevistas basearam-se nas questões a seguir:

- 1) Quando (e como) começou o curso de coreano na escola?
- 2) Quem custeava o curso?
- 3) Qual é o lugar desse curso dentro do Projeto Político Pedagógico? (É uma atividade livre? Complementar?)
- 4) Como é a forma de adesão do aluno?
- 5) Qual é a relação do professor de coreano com a escola?
- 6) As turmas são regulares? Quais são as frequências das aulas durante a semana?
- 7) Qual o lugar das línguas estrangeiras no currículo?
- 8) Como ocorre a avaliação da atividade?
- 9) Há algum plano de continuidade do curso?

Foram realizadas: uma entrevista fechada, ou seja, uma entrevista com questões fixas como as elaboradas acima, com a professora titular de coreano da escola estadual e idealizadora do curso de coreano na cidade; uma entrevista semi-aberta, ou seja, uma pesquisa

com questões fixas, mas que podem surgir novos questionamentos ou hipóteses, com o diretor do colégio estadual; e uma entrevista semi-aberta com duas alunas da turma no turno matutino que se voluntariaram para responder às perguntas.

A metodologia utilizada para a elaboração dos tópicos e separação dos capítulos é fundamentar uma estrutura linear para a fácil compreensão de todo o processo que será relatado no estudo: desde o surgimento das línguas estrangeiras como obrigatórias nos currículos escolares até o desenvolvimento do interesse dos alunos para a manutenção das aulas de coreano em um espaço escolar público.

Para compreender o fenômeno do idioma coreano estar presente dentro de um colégio estadual do Rio de Janeiro, estruturei o meu estudo em três capítulos. O primeiro destinou-se a oferecer uma introdução ao estudo, onde menciono a minha aproximação com o campo de estudo e o acontecimento principal – que é a inclusão do coreano em um currículo de uma escola estadual. O segundo concentra-se na área curricular das línguas estrangeiras com menção a origem do coreano, a evolução da política para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, a descrição das Escolas Interculturais, uma breve compreensão da inclusão do coreano no currículo de uma escola pública, mesmo que assumo o caráter de um projeto e a concepção do idioma coreano como prática de liberdade. No terceiro, veremos como o coreano poderia relacionar-se com as políticas curriculares atuais – relacionando-o com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular, o Novo Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

CAPÍTULO 2 – COMPREENDENDO O CURRÍCULO ESCOLAR

No segundo capítulo do estudo, vamos compreender mais detalhadamente sobre a origem do idioma coreano e a história das línguas estrangeiras dentro do currículo escolar. Analisaremos conforme tem ocorrido o desenvolvimento e o crescimento do espaço das línguas estrangeiras nas instituições escolares o acréscimo de um idioma de baixa circulação na cidade.

Por não haver documentos oficiais que incentivem a prática da educação do idioma coreano dentro das instituições escolares, fiz o paralelo com a educação de outros idiomas estrangeiros, evidenciando como foi conquistado o espaço para os idiomas nas escolas. Como

esse fenômeno não se mostrou comum dentro do campo educacional, nesta segunda parte do estudo vamos construir linearmente o conhecimento sobre o idioma e as políticas que regem os currículos escolares para que possamos compreender como o idioma coreano conquistou um espaço na escola.

Em seguida, vamos compreender o conceito de '*idioma coreano como prática de liberdade*' e porque os alunos carregam essa narrativa para o ensino do idioma, bem como para a sua inserção dentro do currículo escolar, mesmo que momentaneamente assumam um caráter de projeto dentro da escola estadual.

2.1. A ORIGEM DO IDIOMA COREANO

Quando pensamos em um idioma, pensamos também nas variações culturais e linguísticas de cada país que o usa como língua principal. Ao pensarmos na Coreia atualmente, pesquisadores afirmam que não há outro país que seja tão homogêneo, já que não há a presença de minorias étnicas ou linguísticas em sua população nativa (LEE, RAMSAY, 2011). Embora o período exato em que a Coreia tenha se tornado homogênea não esteja claro nos registros históricos, há a certeza de que muitos grupos diversos viveram naquele território, com ênfase no povo chinês, cujo idioma auxiliou na formação do coreano que conhecemos atualmente.

A província coreana era dividida em três reinos: Koguryo, Parkche e Silla (57 a.C. até 668 d.C.). Havia a presença de mais um reino, Kaya, embora tenha sido pequena geograficamente e não existam muitos registros históricos dessa região. Os três reinos apresentavam variações linguísticas entre si, tendo esse idioma se desenvolvido a partir do chinês e também do japonês. Alguns historiadores afirmam que o idioma que mais se assemelha com o coreano antigo teria sido falado em Silla e que a unificação dessa província constituiria um dos momentos mais decisivos para a formação do coreano moderno.

O sistema de escrita de toda a província era realizado em chinês clássico, incluindo seus livros, sistemas de comércio, assuntos comuns e assuntos de governo. Contudo, um método de transcrição do chinês clássico para o antigo coreano foi desenvolvido para transcrever registros. Com o nome de *Idu*, esse método de transcrição foi usado até meados do século XIX e foi muito utilizado na província de Silla.

Antes da formação do coreano moderno, há registros históricos de monumentos, escritas antigas e localidades no continente receberem nomes na língua chinesa, mas

pronunciados no idioma sino-coreano (LEE, RAMSAY, 2011). Um clássico exemplo é a criação do *Samguk sagi* (século XII), um registro geográfico com todos os nomes dos locais da província. A constituição de um país se deve no agrupamento de diferentes grupos linguísticos que contribuíram para a formação do coreano moderno.

A necessidade de unificação do idioma falado nas províncias e o idioma escrito se originaram na abertura dos portos coreanos para o comércio exterior, com o Tratado de Kanghwa, em 1876. Muitos intelectuais coreanos desejavam a mudança e a modernização da província, dando início ao que muitos chamam de “período de iluminismo” (LEE, RAMSAY, 2011). Para haver a modernização da nação, intelectuais defendiam ativamente a unificação e a modernização também de seu sistema de escrita. A criação do coreano moderno nasceu da necessidade de modernização e de instrução para o seu povo, já que apenas os ricos e intelectuais tinham acesso ao conhecimento pleno do alfabeto clássico chinês.

Uma característica forte do coreano e de seu alfabeto, que recebe o nome de hangul, é que em suas letras há uma representação simbólica do homem, da terra e do céu. Apesar de linguistas não chegarem a um consenso sobre o grupo linguístico em que o coreano se encaixa, muitos pesquisadores afirmam que há uma semelhança com as línguas altaicas, bem como com o japonês em algumas pronúncias, e com o chinês clássico, visto que o coreano pegou um empréstimo de algumas partículas desse idioma. Por apresentar semelhanças com o grupo altaico e com o japonês, o coreano muitas vezes é dito como pertencente ao grupo linguístico macro-altaico.

Sendo assim, a unificação definitiva do coreano moderno, e que deu origem ao coreano contemporâneo, foi realizada apenas em 1933, com a publicação do livro ‘*Uma Proposta para a Unificação da Ortografia em Hangul*’ [한글 맞춤법 통일안]. Em 1988, o Ministro da Educação coreano publicou um novo documento oficial ‘*Ortografia do Hangul*’ [한글 맞춤법] e este permanece como guia de como o alfabeto hangul é escrito atualmente.

Assim como o inglês, que possui testes de proficiência realizados pela Universidade de Cambridge ou os exames TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), o coreano possui um exame de proficiência no chamado TOPIK (*Test of Proficiency in Korean*), que é aplicado pelo consulado da Coreia do Sul, localizado na cidade de São Paulo.

Compreendendo a origem do idioma coreano e sua avaliação oficial de proficiência, notaremos a trajetória dos idiomas estrangeiros dentro das instituições escolares. Falarei, no próximo tópico, como os idiomas estrangeiros se tornaram disciplinas obrigatórias dentro dos

currículos escolares e a predominância do idioma inglês nas instituições para compreendermos o fenômeno das aulas de idioma coreano em uma escola pública.

2.2. UMA BREVE HISTÓRIA DOS IDIOMAS ESTRANGEIROS NOS COLÉGIOS PÚBLICOS DA CIDADE E A IMPLEMENTAÇÃO DO IDIOMA COREANO NA ESCOLA.

Podemos dizer que o ensino de línguas estrangeiras sempre esteve presente na história de nosso país. É comum também pensarmos que a presença de determinados idiomas estrangeiros em nosso país se deve a uma política externa e relações atuais com esses países. Podemos lembrar-nos do antigo relacionamento do Brasil com a Inglaterra, que faz parte da história de nosso país, mas como poderemos descrever a presença do coreano dentro de uma escola pública do estado do Rio de Janeiro?

Seria correto afirmar que o crescimento do idioma coreano em nosso país se deve ao rápido crescimento e propagação de sua cultura a nível global ou é apenas um fenômeno isolado em um currículo de uma escola estadual do Rio de Janeiro?

Comumente vemos a predominância da língua inglesa nos currículos das escolas públicas e privadas na cidade. Quando há a presença de mais um idioma no colégio, uma língua torna-se optativa e a outra obrigatória, sendo sinalizado no currículo mínimo das escolas estaduais. Casos raros evidenciam que as duas línguas oferecidas pelo currículo são obrigatórias. Na escola em que foi realizado o presente estudo, a língua inglesa possui um caráter de obrigatoriedade e a língua espanhola possui um caráter optativo, permitindo que o coreano assumira integralmente um caráter de projeto da escola, ou seja, o idioma coreano ainda não está inteiramente integrado ao currículo da escola, mesmo que possua espaço próprio dentro da instituição.

Buscando compreender esse fenômeno das línguas estrangeiras dentro do currículo das escolas, proponho que façamos uma retomada a cinco momentos importantes para o campo educacional: a Reforma Francisco de Campos (1931); a Reforma Capanema (1942); a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, publicada em 1961; a segunda LDB, publicada em 1971, e a atual LDB, publicada em 1996.

Na década de 1930, durante o governo Vargas, a educação assume o papel principal na formação e modernização do país. Esse momento se torna ainda mais evidente com a criação do Ministério dos Negócios de Educação e Saúde Pública, por meio do decreto nº. 19.402, de

14 de novembro de 1930. Francisco de Campos assumiu como ministro da educação em 18 de novembro desse mesmo ano. Importantes reformas educacionais ocorreram no Brasil com o intuito de adequar o país a sua nova realidade, das quais podemos citar a criação do Conselho Nacional de Educação, a organização do ensino superior e a estabilização de um currículo seriado no ensino secundário, a frequência obrigatória e a implementação de dois ciclos: fundamental (de cinco anos de duração) e complementar (de dois anos de duração).

No âmbito das línguas estrangeiras, foi estabelecido o Método Direto para o aprendizado de francês, alemão e inglês, ou seja, ensinar a língua estrangeira utilizando a própria língua estrangeira (MACHADO, 2007), movimento que foi evidenciado com o decreto nº 20.833, de 21 de dezembro de 1931:

Art. 1.º – O ensino das línguas vivas estrangeiras (francês, inglês e alemão), no Colégio Pedro II e estabelecimentos de ensino secundário a que este serve de padrão terá caráter eminentemente prático e será ministrado na própria língua que se deseja ensinar, adotando-se o método direto desde a primeira aula. Assim compreendido, tem por fim dotar os jovens brasileiros de três instrumentos práticos e eficientes, destinados não somente a estender o campo da sua cultura literária e de seus conhecimentos científicos, como também a colocá-los em situação de usar para fins utilitários, da expressão falada e escrita dessas línguas.

Parágrafo único – O ensino direto fica, nos primeiros anos, a cargo de professores denominados Auxiliares, e, no último, de um professor denominado Dirigente, para cada língua em cada uma das casas do Colégio, ao qual incumbirá também a função de orientar e fiscalizar o trabalho dos Auxiliares.

Em virtude da carência de profissionais dos campos da pedagogia e das línguas capazes de lecionar idiomas em níveis tão avançados, essas instruções transformaram-se em autêntica letra morta (MACHADO, 2007). Contudo, a implementação do decreto para o ensino de línguas estrangeiras no Colégio Pedro II trouxe uma nova experiência para o ensino de línguas no Brasil, tornando-se a primeira instituição educacional a adotar o ensino de línguas estrangeiras modernas em seu currículo e que serviria de modelo para as demais instituições educacionais públicas e privadas.

Com a reforma de Capanema em 1942, a educação secundária recebeu maior atenção, sobretudo com a divisão do ensino secundário em dois ciclos: um ciclo chamava-se ginásial, com duração de quatro anos, e o outro ciclo, o ensino colegial, abrangia duas ramificações, chamadas clássico e científico. O método direto de ensino continuou evidente na educação, permitindo que houvesse uma ênfase em “um ensino pronunciadamente prático” (LEFFA, 1999). No âmbito das línguas estrangeiras, o ensino não deveria ser orientado apenas para objetivos instrumentais, mas sim para objetivos educativos e culturais.

Das reformas e mudanças aqui citadas, a reforma Capanema foi a que apresentou uma preocupação maior com o ensino de línguas estrangeiras modernas na educação. Os alunos que frequentavam a modalidade do ensino médio clássico ou científico, em sua totalidade, tinham aulas de latim, francês, inglês e espanhol.

Com a transição para a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, as línguas estrangeiras foram perdendo espaço nos currículos escolares. A grande mudança foi a retirada do latim dos currículos e a diminuição de carga horária para as aulas de francês, isso quando não foi registrada a exclusão completa deste idioma nas instituições escolares. O inglês foi o único idioma que não sofreu grandes modificações em sua carga horária, evidenciando a preferência das escolas pelo ensino desse idioma específico.

O ensino médio, que continuava a possuir dois ciclos (o ginásial e o colegial), agora possuía a modalidade de ensino técnico e o ensino para formação de professores (normal). Os idiomas estrangeiros modernos continuaram a perder espaço nos currículos escolares, dando lugar ao crescimento das disciplinas técnicas e comuns a todas as modalidades de ensino médio. O currículo sofria uma grande modificação ao fornecer a opção de disciplinas optativas em cada curso e indicadas pelos Conselhos Estaduais de Educação.

Com a mudança para a lei 5962, de 11 de agosto de 1971, temos a introdução da ideia de 1º e 2º grau de escolaridade. Com um destaque maior no ensino da língua portuguesa no currículo, para a maior compreensão e divulgação da cultura brasileira, as línguas estrangeiras continuaram sofrendo mudanças no currículo, como podemos observar no trecho: “§ 2º Em qualquer grau, poderão organizar-se classes que reúnam alunos de diferentes séries e de equivalentes níveis de adiantamento, para o ensino de línguas estrangeiras e outras disciplinas, áreas de estudo e atividades em que tal solução se aconselhe.”

Sendo assim, podemos compreender que o ensino de línguas estrangeiras sofreu uma perda em sua característica de ser nivelado e incorporado a uma gama de disciplinas obrigatórias de cada série. Ao ser oferecido amplamente para todas as séries e levando em consideração o nível de aprendizado de cada aluno para que as turmas fossem criadas, o ensino de línguas estrangeiras modernas sofreu uma grande modificação dentro do currículo das instituições educacionais.

Em pleno regime militar, a LDB de 1971 visava ao aprendizado pleno e formação do caráter moral e cívico do cidadão. As ênfases estavam no aprendizado da língua portuguesa, por ser o idioma principal para a compreensão da cultura do país e principal ferramenta de comunicação, e também na disciplina moral e cívica para todos os níveis educacionais. Mais

uma vez podemos notar o enxugamento das horas e a liberdade dos alunos para o aprendizado das línguas estrangeiras modernas.

Para compreendermos melhor o enxugamento de horas das aulas de línguas estrangeiras modernas, observe a tabela em horas de estudo (LEFFA, 1999):

ANO	HORAS TOTAIS
1890	43
1892	76
1900	50
1911	32
1915	30
1925	29
1931	23
1942	35
1961	22
1971	9
1996	18

Atualmente, podemos compreender o fenômeno do ensino de línguas estrangeiras modernas no currículo das escolas públicas, em nível municipal, estadual e federal, como também nas escolas privadas, com o artigo 26º da lei 9394 de 1996 citado: “§5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.”

Ressalta-se que o trecho destacado não menciona diretamente a língua inglesa como obrigatória no currículo, mas sim o ensino de uma língua estrangeira moderna dentro das instituições de ensino.

Usando-me de tais trechos das leis de diretrizes e bases da educação, posso exemplificar o crescimento do ensino de línguas estrangeiras modernas com base em dois colégios públicos federais: o Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ) e o Colégio Pedro II, pois são os pioneiros no ensino e administração de aulas de idiomas estrangeiros.

Em seu início de atividades em 1948, o CAp aceitava transferências diretas de alunos de outras instituições educacionais, pois se tratava da construção de novas exigências e bases

pedagógicas para o novo colégio. Um dado curioso é que, ao adotar exames para o ingresso para o curso colegial em conhecimentos específicos de disciplinas como Português e História do Brasil, também era aplicado um exame de conhecimento em latim. Já nos exames exigidos para ingressar na modalidade clássico, além de exames de língua portuguesa, também eram realizados exames de latim e grego (MARTINS, 2015).

Não apenas há a presença das línguas estrangeiras modernas no currículo do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, mas também a exigência de que o aluno ingressante apresente conhecimentos específicos dos idiomas latim e grego para que possa usufruir de uma vaga no colégio.

Com as mudanças no campo da educação aqui citadas neste estudo, o Colégio de Aplicação da UFRJ atualmente oferece três línguas estrangeiras modernas em seu currículo: o inglês, o espanhol e o francês. Há uma continuidade no ensino de inglês, tendo ele adquirido um caráter de obrigatoriedade dentro do currículo, enquanto o espanhol e o francês são optativos, sendo escolhidos pelos alunos a partir do 6º ano do ensino fundamental e no ensino médio.

Refletindo sobre história do ensino de línguas estrangeiras na educação brasileira, podemos notar uma predominância por idiomas europeus, pouco sendo mencionados outros idiomas. Como explicar o fenômeno de um idioma asiático fazer parte do currículo de uma escola estadual do Rio de Janeiro?

“Ela não é uma aula dentro como todas as outras, faz quem quer. Ela é fora do horário das aulas. Os alunos que estudam de manhã fazem durante a tarde e parte dos alunos que estudam de tarde fazem a aula de manhã. [...]” (Trecho retirado da entrevista com a professora de coreano no dia 18/05/2019). Ao dizer que o coreano não é uma aula como as outras disciplinas ofertadas no currículo da escola estadual, podemos considerar que o coreano tenha surgido de maneira atípica em relação às demais línguas estrangeiras modernas no currículo escolar.

Com base nas entrevistas e no que foi observado por mim no curso de coreano e no colégio, o conceito do idioma coreano como uma *prática de liberdade* surgiu como uma própria apropriação e definição dos estudantes: “*O coreano é diferente*”, “*Eu escolhi*”, “*ela é diferente, não é como as outras, faz quem quer e tenho liberdade para cursá-la*”. Ao relacionar o idioma coreano como uma prática de liberdade, refiro-me a forte escolha e interesse manifestado pelos demais estudantes para que a disciplina permanecesse dentro do ambiente escolar. É um debate muito forte de escolha dentro do coreano, evidenciando-a entre

os outros idiomas que podemos encontrar dentro do currículo escolar. “Ah, eles adoram porque eu não ensino apenas o coreano na aula. Eu ensino a cultura da Coreia, a comida, K-Pop, falo sobre o taekwondo... Para cada aula temática, nós chamamos e eles vão fazer. É por isso que eles gostam.” (Trecho retirado da entrevista com a professora de coreano no dia 18/05/2019).

O idioma coreano, além de estar ligado ao prazer dos alunos com as aulas, também se conecta com a preferência do alunado e ao ato de desejarem ter o idioma presente no currículo da escola. Como vimos, o ensino de ao menos uma língua estrangeira moderna vindo de uma escolha da comunidade escolar – onde o idioma coreano poderá ser considerado uma escolha feita integralmente pelos estudantes da instituição.

Ao surgir a situação de que o programa poderia chegar ao fim⁶, os alunos protestaram e pediram para que ele continuasse acontecendo, evidenciando ainda mais a afinidade que os alunos adquiriram com esse idioma, como também a responsabilização da continuidade das aulas.

Esse fenômeno, apesar de ser mencionado como um projeto da escola, tem uma origem diferenciada das demais escolas públicas estaduais. Apesar da existência das chamadas ‘Escolas Interculturais’ que são escolas bilíngues do programa Dupla Escola⁷, a escola citada não possui nada evidenciado que faça parte desse programa ou que tenha uma terceira língua dentro de seu currículo. Um ponto interessante mencionado é o fato do coreano ainda não integrar oficialmente o currículo da escola, mas constar em seu Projeto Político Pedagógico como um projeto de parceria. Podemos pensar que, apesar de não estar completamente integrado ao currículo para gerar notas, reprovações e aprovações, ele está em completa funcionalidade dentro do espaço escolar.

Afirmamos que está obtendo sua funcionalidade dentro do espaço escolar, porque o coreano possui turmas, livros, atividades, sala de aula, horários estipulados para cada turma e professora especializada no idioma. Mesmo assumindo a característica de um projeto da SEEDUC (Secretaria de Educação Estadual do Rio de Janeiro), em função de ser uma escola situada em um bairro da zona norte da cidade, é interessante observar que o coreano também assume características de uma disciplina ‘convencional’ no currículo.

⁶ O programa começou com uma parceria entre a Secretaria Estadual de Educação e o Consulado Sul-Coreano, mas seria encerrado pela SEEDUC após um ano de atividades. Os alunos protestaram contra o fim ao enviar vídeos, textos e cartas.

⁷ É um programa que beneficia 19 escolas estaduais no Rio de Janeiro. Teve origem por meio da parceria de instituições públicas e privadas e oferece desde o ensino técnico ao aprendizado de línguas estrangeiras.

Como podemos observar no trecho: “Primeiro é feito um convite para todos os alunos. As vagas são limitadas são 25 vagas, mas no início até abrimos 30 vagas. Eles fazem por interesse e depois é realizado um sorteio para o caso de termos mais interessados do que vagas.” (Trecho da entrevista realizada com o diretor do colégio estadual no dia 25/06/2019). O interesse dos alunos pela disciplina de coreano é a todo o momento sinalizado pelos entrevistados, como também o desejo de permanência do idioma no currículo da escola.

Entramos em uma discussão de currículo e dos argumentos em que as escolas se baseiam para a construção de sua grade curricular. Para os estudantes, o coreano muitas vezes era visto como uma matéria completamente fora do currículo, mas como podemos pensar que assuma o caráter de uma disciplina diferenciada, uma prática de liberdade, se possui avaliação, livros, professores, horários e atividades – tais como as disciplinas clássicas dentro do currículo escolar?

O idioma coreano tornou-se um movimento de resistência dentro do currículo, bem como disputa com outros idiomas estrangeiros de maior circulação dentro da cidade. Com o intuito de permanência dentro do currículo escolar, o coreano fortaleceu-se entre os alunos em um protesto e uma apropriação de seu conteúdo para a liberdade.

“[...] Os alunos adoram e quando o consulado quis terminar, chegou-se a cogitar isso de 2017 para 2018, os alunos mostraram interesse, vídeo, poesia que eles fizeram e o consulado viu que estava tendo resultado e estava tendo alguma coisa. Tanto é que eles estão querendo ampliar até para de noite.”

- Trecho da entrevista realizada com o diretor do colégio estadual no dia 25/06/2019.

Baseando-me na entrevista realizada com a professora de coreano da escola estadual, que também é professora no curso de coreano, sustento que a ideia de oferecer o ensino de coreano nas duas modalidades, tanto no currículo do ensino médio, como em forma independente em um curso próprio o idioma, é fazer uma ponte entre a cultura brasileira e a cultura sul-coreana; permitindo assim que o indivíduo evolua e tenha um amplo aprendizado de ambas as culturas.

Com essas informações em mente, no terceiro capítulo desse estudo buscaremos relacionar a presença do idioma coreano com as políticas curriculares atuais. Mesmo que o idioma se apresente como uma disciplina pertencente ao capítulo de idiomas estrangeiros modernos, o coreano assumiu um papel completamente diferente entre os outros idiomas e até mesmo as disciplinas clássicas do currículo.

Compreendendo que atualmente o idioma se configure como um caráter de projeto independente do colégio, em parceria com a SEEDUC e o Consulado Sul-Coreano, veremos com detalhes como a disciplina se encaixaria nas políticas curriculares e se elas, em algum momento, podem instigar o interesse dos estudantes, mas antes de analisarmos esse tópico, veremos como as Escolas Interculturais contribuíram para a inclusão de idiomas estrangeiros no currículo.

Por não encontrar estudos sobre as Escolas Interculturais existentes na cidade, realizei um paralelo com as Escolas Interculturais de fronteira para a melhor compreensão da funcionalidade dessa instituição.

2.3. ESCOLAS INTERCULTURAIIS: UM PARALELO DA IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS DE FRONTEIRAS PARA A INCLUSÃO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS NO CURRÍCULO ESCOLAR

Como a escola que realizei o estudo está lutando para inserir em seu currículo o idioma coreano e foi-se mencionada a importância das escolas interculturais para essa prática, neste ponto do estudo falaremos sobre essas escolas e suas importâncias nas políticas curriculares para as línguas estrangeiras modernas.

A escola observada neste estudo é uma escola estadual comum que possui em seu currículo o ensino de inglês e espanhol como línguas estrangeiras modernas, tendo o espanhol assumindo caráter optativo dentro do currículo. Quando observei o cotidiano da escola e acompanhei a professora regente de coreano, o idioma ainda assumia um caráter de projeto dentro da escola, tendo a sua inserção dentro do currículo como uma intensa modificação dentro do colégio: este teria que transformar-se em uma escola intercultural.

Mas como podemos relacionar as escolas interculturais com as políticas de currículo das línguas estrangeiras modernas?

A concepção do projeto das Escolas Interculturais de Fronteira foca-se em uma educação bilíngue e intercultural para os países do bloco MERCOSUL como a Argentina, o Uruguai, Paraguai e a Venezuela. O projeto começou inicialmente em 2005 como um acordo bilateral entre o Ministério da Educação do Brasil e o Ministério da Educación, Ciencia y Tecnología da Argentina, mostrando-se também uma pauta política e educacional do MERCOSUL.

Uma grande característica do projeto são as aulas ministradas em dois idiomas: o português e o espanhol, focando-se no intercâmbio de professores entre as escolas: os professores brasileiros trocam de lugar com os professores de outra Escola Intercultural do outro lado da fronteira (THOMAZ, 2010).

O projeto tem funcionalidade em 17 cidades e em 24 escolas em suas 107 turmas de Séries Iniciais com ênfase no ensino de português e de espanhol para os estudantes.

Percebemos como as duas línguas assumem um caráter de obrigatoriedade dentro do currículo das escolas interculturais. Como a língua portuguesa e a língua espanhola são tidos como os dois idiomas principais do bloco MERCOSUL, o seu ensino foi dito obrigatório nas escolas Interculturais de Fronteira, evidenciando-se como um fato político e linguístico.

“Então isto, na verdade, existem escolas do estado que são escolas é... Multiculturais, isso. Não é o caso da nossa, então nós não temos esse poder. A escola deveria se tornar uma escola Brasil-Coreia para que isso acontecesse e não é o caso. E aí nós não temos isso, não podemos fazer isso. Seria muito interessante, mas aí não é do nosso poder.

[...]

E geralmente essas escolas são integrais, então essa escola de 3080 alunos teria que cair para 700 alunos para se tornar integral.”

- Trecho da entrevista realizada com o diretor do colégio estadual no dia 25/06/2019.

A partir da citação, vemos como o movimento de inclusão no coreano ao currículo assume uma política para uma profunda mudança na instituição escolar. A adoção do coreano como segunda língua, obrigatória, no currículo acarretaria na transformação da escola estadual para uma Escola Intercultural do Brasil e da Coreia do Sul.

Observando como o idioma coreano só poderá obter o seu caráter de obrigatoriedade dentro do currículo escolar com a transformação da escola estadual para uma Escola Intercultural é um ponto intrigante a ser considerado neste estudo. A todo o momento que pesquisei sobre o idioma e seu processo de pertencimento a instituição escolar, bem como os discursos dos alunos e suas apropriações de conteúdos, o idioma ainda obtém a característica de um projeto, mesmo que faça parte da comunidade escolar.

É interessante analisarmos a dinâmica das Escolas Interculturais ao realizarem-se as trocas entre os professores que falam português e os professores que falam espanhol, detendo-nos de que o ensino de português e espanhol ultrapassam as concepções de línguas dentro da grade curricular, assumindo um importante caráter comunicativo e expressivo para o ensino de outros conhecimentos contidos no currículo escolar.

Outra característica que podemos observar é a obrigatoriedade dos dois idiomas ditos como oficiais do MERCOSUL: o português e o espanhol. As duas línguas compõem o currículo escolar dessas escolas e assumem o caráter de segunda língua e não o caráter de alguma se tornar eletiva. Cabe também ressaltar que os professores das Escolas Interculturais possuem formação concedidas através de programas de universidades como a UFSC e IPOL-BR (para os professores estrangeiros), enquanto os professores brasileiros são formados pelo *Lenguas Vivas-AR*. Também são considerados certificados do CELPE-Bras (Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) emitidos pelo MEC e o CELU (Certificado de Español Lengua y Uso) emitidos pelo Ministério da Educación, Ciencia y Tecnología da Argentina (THOMAZ, 2010).

“[...]”

Aí estamos tentando e ele já sabe que o Rio de Janeiro não tem professor de coreano, eu falei ‘Se você colocar coreano na escola, não tem professor’ e ele falou ‘Não se preocupe porque os alunos que estão mais avançados no curso podem ensinar para os iniciantes’. Então os alunos que entram na escola vão aprender juntos. Por isso não precisa de professores. E o especial seria uma turma apenas de professores, até foi combinado isso, mas ele não falou mais nada sobre o projeto.

Aí agora está parado, mas agora chegou um diretor do educandário novo [um diretor da SEEDUC], ele chegou em fevereiro e agora nos encontramos recentemente estamos tentando novamente. Aí eu queria arrumar uma sala de futuros professores e estamos pensando em pedir ao consulado uma pessoa para poder ensinar essa turma especial.”

- Trecho da entrevista com a professora de coreano realizada no dia 18/05/2019

Como pudemos observar no trecho da entrevista acima, a professora L. menciona que há a possibilidade para a abertura de turmas especiais para professores do idioma coreano, mas como se originará a formação desses profissionais, já que no Brasil não há um curso específico para a formação de professores de coreano? Na solução proposta, os professores seriam alunos do idioma que estão em um nível avançado e que poderiam transmitir seus conhecimentos para os níveis iniciantes.

Pudemos observar que a própria sugestão de inclusão definitiva do idioma coreano no currículo da escola estadual exigirá mudanças políticas (THOMAZ, 2010) entre os dois países para que a escola se transforme em um projeto Intercultural. Vimos que a principal proposta das Escolas Interculturais é a troca de professores e o estabelecimento das duas línguas como principais. O maior desafio, como mencionado na entrevista com a professora regente de coreano, são os profissionais que, atualmente, não possuem formação adequada no Brasil para lecionarem o idioma coreano.

Neste tópico pudemos observar a importância das Escolas Interculturais para a concepção do ensino de línguas estrangeiras em nosso país. Por apresentarem um acordo político (THOMAZ, 2010) e representarem um projeto educacional entre os países do MERCOSUL, foi possível a compreensão do funcionamento e das propostas do ensino de línguas estrangeiras por essas escolas.

Como o idioma coreano, atualmente, está lutando por um espaço fixo no currículo escolar, ainda não posso afirmar que ele está efetivamente no currículo escolar, mesmo que seja uma iniciativa de órgãos responsáveis pela administração das escolas, como a SEEDUC e, também, o Consulado da Coreia do Sul.

O Consulado Sul-Coreano ocupa um papel importante para o projeto do idioma coreano nas escolas públicas. Como principal responsável pelo projeto, a maioria das ações realizadas no curso (como notas, provas e livros didáticos próprios) são reportadas e, também, são originárias desse órgão político. Pudemos ver um exemplo claro a partir do momento que os alunos se mobilizaram para a continuidade das aulas e fizeram um contato com o Consulado.

Tendo essa iniciativa dos estudantes em mente, estruturei o próximo tópico para falar do idioma coreano como uma *prática de liberdade* dentro da instituição escolar, manifestando-se através dos desejos e interesses dos estudantes pesquisados para que possamos compreender como esse processo influenciou ativamente na manutenção do idioma na escola e inclusão de mais turmas para a continuidade do projeto.

2.4. O IDIOMA COREANO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Quando me refiro à disciplina de coreano ser uma prática de liberdade, estou me remetendo às experiências retratadas no estudo. O aluno torna-se o sujeito da educação, que tem conhecimento e assume responsabilidade pelas escolhas dentro do currículo escolar; concepção esta que foi ignorada pelas concepções tradicionais de currículo, onde o estudante é um objeto e as disciplinas são impostas a ele (FREIRE, 1999).

O alto interesse do estudante pela disciplina, bem como sua motivação para frequentá-la e estudar os tópicos trabalhados em sala de aula, contribui ativamente para a liberdade do aluno, visto que o coreano também assume um papel de resistência dentro da instituição escolar pública aqui citada. Considera-se objeto de resistência pelo fato da disciplina de

língua coreana permanecer na instituição escolar graças a fortes influências dos estudantes motivados por seus interesses.

O movimento realizado por apenas uma professora especializada no idioma que conseguiu integrá-lo ao cotidiano da escola também se torna em um claro exemplo de prática de liberdade e de responsabilização. Destaco a importância dessa única professora para a inclusão do idioma coreano em uma escola pública estadual, sendo responsável pela elaboração dos módulos, aulas e planejamento do curso para as três turmas existentes.

A sensação de liberdade gerada pelo alto interesse no coreano é um ponto crucial para a observação. Essa ideia reforça apenas como o ambiente escolar é tradicional, não permite a manifestação de expressões e reflete conceitos de uma educação não-libertária. O constante movimento de procura pela disciplina de idioma coreano e a fundamentação de discursos libertários com a escolha realizada pelos estudantes evidencia um sistema educacional tradicional e que não se movimenta a partir dos meios, apenas dos objetivos a serem alcançados – pouco importando o processo que levou a esse resultado (FREIRE, 1999).

Vemos que a permanência do idioma coreano fisicamente na escola carrega diversos significados para os estudantes que frequentam as aulas da disciplina. O estudante está em constante movimento e se relaciona continuamente com as disciplinas e o ambiente no qual está inserido. Assim como aconteceram mudanças substanciais em nossa sociedade, o estudante obtém significados de suas ações.

No caso, as ações dos estudantes levaram à escolha do idioma coreano e, também, a sua concepção como um espaço de liberdade, interesse e de realizações. Até que ponto podemos mencionar que essa ação é um reflexo de uma concepção tradicional e que os estudantes não estavam satisfeitos com suas disciplinas e vivências dentro da escola? Pode-se até considerar que esse ponto tenha sido a fagulha inicial para programar o projeto da língua coreana, mas demonstra que o estudante está em constante e ativo movimento dentro do ambiente escolar.

A preocupação com o processo de aprendizagem também contribuiu para a movimentação ativa do interesse da comunidade escolar. O coreano não obtém interesse pela curiosidade ou por sua rara circulação na cidade, mas sim por seu processo de desenvolvimento e aprendizado nas aulas – fundamentalmente com itens pertencentes à cultura da Coreia do Sul: comidas típicas, vestimentas, filmes, novelas e música.

Conectar o aprendizado a itens prazerosos que integram a cultura sul-coreana mantém o interesse vivo e pertencente a um ciclo. O ato de planejar aulas e trazer diferentes objetos e

atividades para os estudantes rompe com uma concepção de educação tradicional, em que o professor é apenas o mediador do conhecimento, que busca preencher as competências estudantis, ignorando as experiências e vivências do mundo exterior de cada aluno e a construção de uma consciência coletiva e libertária de educação (FREIRE, 1999).

Os estudantes foram moldando a realidade educacional e se tornaram responsáveis, os *fazedores* (FREIRE, 1999), pela elaboração dessa nova fase das aulas do idioma, ou seja, a sua permanência dentro da instituição escolar.

Percebemos como a visão dos estudantes das concepções de currículo suprimem a liberdade e fornecem acomodação e ajustamento – visto que as disciplinas já são impostas aos estudantes e não há espaço para a escolha de grade horária ou de temas relevantes ao ensino. A luta pela continuidade do programa de ensino de língua coreana é um grito de liberdade dos estudantes; um modo que eles encontraram para se expressarem e se sentirem pertencentes a nossa sociedade. Nesse ato, percebemos como os estudantes, que normalmente são excluídos das decisões das instituições escolares, assumiram uma grande responsabilização pela continuação das aulas – onde eles não podem não estarem conformados com o seus papéis na comunidade ou ao que é imposto a eles (FREIRE, 1999).

Essa responsabilização é um grande passo em direção à liberdade curricular. Os estudantes, que comumente sofrem opressão dentro das instituições escolares, estavam em transição e desejando continuar com as aulas do idioma. Há uma conscientização de que em uma sociedade democrática pode haver modificações e flexibilizações do currículo escolar.

A responsabilidade estudantil foi crescendo gradativamente – não apenas com a existência de grêmios e de representações das turmas, mas com o processo de participação dentro da comunidade escolar. O ato de mobilização ao escrever poemas, gravar vídeos e enviar textos para o Consulado e a SEEDUC para a manutenção das aulas de idioma coreano foi um ato claro de responsabilização social.

Segundo Paulo Freire (1999, p.92) em seu livro ‘Educação como Prática de Liberdade’, há a menção de que o povo deve ter conhecimento de sua democracia através da existência dela mesma. A participação é um ponto importante para a construção do saber democrático, um conhecimento que é apropriado experimentalmente. A própria mobilização dos estudantes contribuiu para a construção desse saber democrático.

Portanto, a manutenção do idioma coreano no ambiente escolar trouxe uma nova perspectiva de participação estudantil: a responsabilização por mudanças curriculares na

instituição de ensino, que, até o momento, os estudantes não tinham a consciência de que poderiam exercer estas mudanças no que já estava delimitado pela escola.

Então percebemos como as aulas de um idioma forneceram uma percepção para a construção do saber democrático dos estudantes, bem como instrumentos de modificação do currículo escolar, que até então se mostrava um objeto imutável e inalcançável pelos alunos; algo que não tinha modificação e adaptação até o momento. O idioma coreano atravessou as políticas curriculares e o interesse dos alunos até ser considerado um ato de liberdade.

A preocupação, demonstrada pela professora regente, de trazer conteúdos diferenciados e pertencentes à cultura sul-coreana para a aula demonstra uma diferenciação dos demais conteúdos e do aprendizado mecânico e conteudista. A inclusão do idioma coreano ao ambiente escolar, embora não tenha se concretizado como disciplina efetiva dentro do currículo, trouxe contribuições e pontos importantes para que os estudantes compreendessem e se apropriassem dos conteúdos dentro de sala de aula.

Esse movimento de retomada do projeto de idioma coreano quebrou o caráter de passividade dos estudantes com as disciplinas que já estão delimitadas no currículo escolar. A inclusão do idioma coreano com base nas demandas dos alunos e da mobilização chocou-se com a educação que se impõe (FREIRE, 1999).

A educação como prática de liberdade manifestou-se no ensino de uma língua estrangeira, mas cabe pensarmos que a prática de liberdade pode se manifestar em qualquer eixo temático do currículo.

Mesmo que a nossa sociedade moderna tenha um caráter democrático atualmente, a acomodação e a aceitação por parte dos discentes e docentes quanto às cargas horárias e disciplinas previamente estabelecidas no currículo mostraram que a escola ainda carrega uma concepção de conhecimento mecânico e sintético que não agrega conhecimentos e que não possuam espaços democráticos para a discussão e a construção de conhecimentos. O aluno torna-se um mero espectador de sua própria jornada acadêmica (FREIRE, 1999).

Apesar da participação dos estudantes em atividades extracurriculares e até mesmo em movimentos estudantis, como o grêmio, pode gerar um sentimento de conformidade perante o funcionamento da escola, bem como as políticas educacionais. O puro interesse dos estudantes de uma escola pública trouxe uma movimentação ativa do currículo com a permanência de uma disciplina de língua estrangeira dentro do ambiente escolar. Nesse caso, percebemos que o idioma coreano se transformou integralmente em uma pauta que contribui para a formação do saber democrático.

Percebemos como o idioma coreano adquiriu papéis importantes para o desenvolvimento dos estudantes, bem como uma educação *corajosa*; uma educação de “*eu me maravilho*” (FREIRE, 1999, p.93). O claro ato de participação dos estudantes, da procura pelas aulas do idioma e de pura mobilização para a continuidade do estudo é o ponto-chave para a compreensão desse fenômeno em uma escola pública estadual – não somente da continuidade, mas de sua ampliação para mais duas escolas públicas com aulas de coreano localizadas nos bairros de Rio Comprido e Méier⁸.

O fenômeno das aulas de idioma coreano abriu um paralelo com as características de nossa educação: tradicionais e que mantém os estudantes em *posições ingênuas* (FREIRE, 1999, p.96), alheios ao que acontece no campo educacional e curricular das instituições. Os estudantes da escola pesquisada somente ocuparam posições mais inquietas perante a educação quando houve a ação de *quase* retirada do idioma coreano da escola. Foi a partir desse momento que os estudantes questionaram e realizaram ações de responsabilizações para a permanência do idioma.

É para esse momento que chamo a atenção: o movimento dos estudantes e da compreensão da necessidade de uma formação crítica para os discentes. O planejamento e preocupação de trazer elementos que fazem parte da cultura e interesse dos estudantes para a sala de aula demonstra um saber construído *com* os estudantes e não *para os* estudantes. A prática de liberdade e a construção do saber democrático dos estudantes que fazem parte das turmas de idioma coreano se deve ao processo como um todo – principalmente na elaboração das aulas, da continuidade do projeto e de sua expansão para outros colégios da rede pública estadual.

CAPÍTULO 3 – POLÍTICAS CURRICULARES ATUAIS

Neste bloco do estudo, estarão evidentes as teorias curriculares para a manutenção de tal disciplina dentro do colégio e como podemos relacioná-la com as políticas atuais no campo curricular, bem como sua resistência e definição como ponto de interesse curricular pelos jovens.

⁸ Durante o estudo, havia apenas uma escola pública com aulas de coreano e durante a sua conclusão, mais duas escolas públicas estaduais passaram a incluir o idioma coreano em seus espaços.

Para começarmos a análise, vamos compreender o local das línguas estrangeiras modernas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e como elas podem se inserir no currículo das instituições de ensino.

Neste capítulo do estudo, estarei relacionando o projeto de idioma coreano com políticas atuais de currículo para compreendermos o local desse idioma dentro das instituições escolares. Ao escolher realizar um corte utilizando-me dos Parâmetros Curriculares Nacionais, da Base Nacional Comum Curricular e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, estarei buscando concepções para o ensino de línguas estrangeiras e quais características elas podem vir a assumir dentro do campo curricular das escolas. Pelo estudo analisar a educação pública a nível estadual, poderemos compreender detalhadamente as escolhas e inclusões das línguas estrangeiras na comunidade escolar.

Como o idioma coreano assume a característica de um projeto da escola e que ainda não existam políticas curriculares e a sua inclusão definitiva no currículo como uma língua estrangeira eletiva, concentrei a análise no campo de línguas estrangeiras modernas.

3.1. LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.

No âmbito das línguas estrangeiras modernas, os principais significados atribuídos ao aprendizado de diversos idiomas estrangeiros é o acesso a outras culturas mundiais e grupos sociais.

É importante lembrar que as línguas estrangeiras englobam a área de *‘linguagens, códigos e suas tecnologias’* dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, evidenciando que não são mais disciplinas isoladas e que podem possuir uma interdisciplinaridade com as demais disciplinas que compõem esse bloco. A função de interdisciplinaridade seria obter o conhecimento pleno para que o aluno possa comunicar-se e desenvolver-se completamente.

Destaco o fato de que há uma predominância da língua inglesa nos currículos escolares, menciona-se a dificuldade da formação e da contratação de professores especializados pedagogicamente e que possuem a formação linguística adequada para o ensino de outros idiomas estrangeiros modernos. Esbarramos em um ponto interessante nos PCN que evidencia claramente a falta de professores de outros idiomas estrangeiros que pudessem contribuir para o caráter comunicativo de cada aluno. Com a língua inglesa

destacando-se rapidamente sobre as demais línguas estrangeiras, houve escassez de professores de outros idiomas e encarecimento de materiais didáticos acessíveis para todos os alunos (MEC, 2000, p. 26).

Esse movimento fica ainda mais visível com o relato dos alunos e de seus responsáveis, muitas vezes procurando um curso do idioma escolhido porque a escola foca-se integralmente no ensino da gramática, de sua forma escrita e palavras, repetindo-as e não as colocando dentro de contextos para o aprendizado. Esse esvaziamento do conceito de que as escolas são responsáveis pelo caráter formador do aprendizado das línguas estrangeiras modernas faz com que esse mesmo papel seja atribuído aos demais institutos educacionais que possuem apenas uma língua estrangeira como foco principal de seu currículo, evidenciando que a escola não cumpre sua função no aprendizado desses idiomas (MEC, 2000, p. 26).

Devemos, então, pensar que o ensino desses idiomas tenha se tornado básico ou mecânico como determinadas disciplinas tradicionais?

Evidenciada nos PCN, a grande meta de aprendizado de uma língua estrangeira moderna é a comunicação do aluno com o mundo, já que se compreende que a língua estrangeira assume integralmente o papel de propagação de culturas e de comunicação eficiente entre os diversos países.

Buscando compreender efetivamente o papel do ensino de línguas estrangeiras descrito nos PCN, destaco o trecho onde se menciona os objetivos e competências do ensino das linguagens no âmbito de representação e comunicação (MEC, 2000, p. 14):

- Confrontar opiniões e pontos de vistas sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.
- Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação, em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos dos interlocutores; e colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção.
- Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significado e integradora da organização do mundo e da própria identidade.
- Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida.

Segundo o documento, as línguas estrangeiras fazem parte de um conjunto de conhecimentos essenciais que possibilitam que o estudante desenvolva seu caráter social e assumem, juntamente com a língua portuguesa, o caráter de um instrumento essencial de comunicação.

Nesta pesquisa, procurei entender como podemos pensar que a predominância da língua inglesa nas escolas configura-se como um monopólio de apenas um idioma, tendo em vista que outros podem ficar excluídos ou tenham caráter optativo dentro do currículo escolar.

Podemos pensar que o crescimento contínuo do idioma inglês nas escolas e demais instituições educacionais se deve ao poderio econômico e pela popularidade da cultura estadunidense? O inglês continua fortemente presente no currículo das escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro, evidenciando o seu poderio e o amplo interesse dos cidadãos em aprenderem o idioma. Com esse fato, como podemos pensar no surgimento do interesse ao aprendizado de coreano – especialmente se é tão relacionado à livre escolha e liberdade do aluno?

Apesar de reconhecer que há um monopólio do idioma inglês nos currículos escolares, os PCN evidenciam que esse não pode ser o único idioma a ser oferecido para os estudantes.

Lembro que a primordial função dos PCN é oferecer parâmetros para que as instituições escolares possam elaborar o seu currículo de acordo com suas exigências, políticas [PPP⁹] e comunidade escolar. Cabe pensarmos na maneira como esses idiomas foram inseridos no currículo escolar e quais papéis eles desempenham dentro da comunidade escolar – se o idioma assumiu um papel mecânico ou se é evidenciado como importante ferramenta de comunicação, desenvolvimento e aprendizado para os alunos.

Para a escolha dos idiomas estrangeiros que serão adicionados ao currículo escolar, há muitas considerações a serem feitas pelas instituições de ensino, como o contexto da comunidade escolar, as características sociais do alunado, como também as características sociais e históricas do bairro em que a instituição se localiza. O idioma estrangeiro, como exemplificado nos PCN, também deve atender aos interesses locais e à necessidade do mercado de trabalho ao qual o aluno se integrará (MEC, 2000, p. 27).

Considerando esses dados no documento, podemos então pensar que o coreano tenha sido inserido no currículo escolar pela necessidade do mercado de trabalho ou se tornou efetivamente o objeto de interesse e desenvolvimento dos alunos dentro do currículo da escola pública estadual aqui citada?

“Língua obrigatória é o inglês. O Espanhol é optativo e o Coreano, na verdade, é uma parceria aí... Como falar... Um projeto, um projeto na verdade. É um projeto da Secretaria de Educação. Existem vários projetos e um dos projetos é esse: aprender

⁹ PPP é o Projeto Político e Pedagógico, ele é responsável pelas políticas educacionais, o método de ensino da instituição e sua organização curricular.

coreano. Né. Assim como tem projeto de matemática, assim como no ano passado teve um projeto com o SENAC sobre transportes.”
- Trecho retirado da entrevista realizada com o diretor da escola estadual no dia 25/06/2019.

Baseando-me em primeiras impressões, poderia até mencionar que o coreano também assumia uma função de idioma isolado no ambiente escolar. Quando a disciplina foi assumindo um caráter presencial, uma sala de aula, materiais e professor especializado na matéria, posso dizer que o coreano foi englobado juntamente com as outras disciplinas no módulo de *‘linguagens, códigos e suas tecnologias’*, pois passou integralmente a contribuir para a formação comunicativa e individual dos alunos.

Ao contrário do que pude observar na escola, a disciplina do idioma coreano do curso especializado parecia assumir esse papel conjunto para a formação e desenvolvimento da consciência individual e coletiva do aluno: os alunos tinham um forte discurso de que a matéria havia sido escolhida por eles e que era totalmente diferente das demais disciplinas que integravam o currículo das instituições escolares às quais pertenciam.

Buscaremos compreender ativamente o conceito de escolha, de interesse e de resistência da disciplina de coreano dentro do currículo escolar nos próximos tópicos que serão abordados neste bloco do estudo.

3.2. COMPREENDENDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO

A Base Nacional Comum Curricular serve como um apoio para a construção curricular de todas as áreas de ensino, passando por todas as etapas da Educação Básica. Podemos perceber a separação do conhecimento por áreas, sendo elas: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Como este estudo fala sobre a tentativa de inclusão do idioma coreano ao currículo e de sua manutenção como projeto na escola estadual, realizei um corte apenas da área de conhecimento de Linguagens e suas Tecnologias, tentando compreender como as línguas estrangeiras estariam expressas na grade curricular do Ensino Médio.

Para analisarmos a BNCC, devemos compreender que o documento menciona o conjunto de competências que os estudantes deverão ter em cada nível da Educação Básica. A

principal proposta da Base é oferecer um currículo flexível aos estudantes através da implementação dos itinerários formativos, evidenciando a criação de diferentes arranjos curriculares (MEC, 2018, p. 467).

Nessa modalidade é promovida a interdisciplinaridade entre as áreas de conhecimento e disciplinas no currículo, sendo evidenciada que cada área de conhecimento possui suas competências específicas que podem vir a orientar a elaboração dos itinerários formativos dentro do currículo escolar, tornando-o flexível e possibilitando a escolha dos estudantes (MEC, 2018, p. 469).

No que se refere ao campo de Linguagens e suas Tecnologias, podemos observar tais componentes: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. O idioma inglês obtém um caráter obrigatório dentro do currículo do Ensino Médio.

A língua inglesa na BNCC assume um caráter de principal instrumento de comunicação do jovem com as demais culturais mundiais, obtendo também um aspecto de interculturalidade e a própria definição do inglês como uma língua franca – “desterritorializada” (MEC, 2018, p. 476).

Vejam as competências específicas descritas na BNCC para a compreensão da área curricular de linguagens e suas tecnologias (MEC, 2018, p.481):

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
5. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e

vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Como podemos observar, a BNCC gera um conjunto de competências gerais para a área de linguagens no currículo escolar. Ao delimitar o uso de inglês como idioma obrigatório no currículo e expressar a sua funcionalidade como comunicação, expressões, autoconhecimento e de compreensão das diferentes culturas globais, vemos que outros idiomas, que podem assumir o caráter optativo dentro das instituições, serem pouco mencionados e englobados às competências da língua inglesa.

3.3. COREANO COMO ESCOLHA: UM PARALELO COM O NOVO ENSINO MÉDIO E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO.

Neste tópico, buscaremos compreender se a disciplina de língua coreana está integrada com as políticas no novo ensino médio. Primeiramente, vamos pensar na nova política e explicá-la a partir do conceito de escolha dos alunos, também visto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A principal proposta do novo ensino médio e no que esse conjunto de políticas se baseia é o *‘protagonismo juvenil’*, estimulando o jovem a fazer escolhas por disciplinas que estão presentes no currículo escolar. Um discurso muito presente nesse conjunto é que as políticas atuais do ensino médio já não mais correspondem ao anseio do jovem e que deveriam auxiliá-lo na compreensão do mundo moderno.

Podemos relacionar a inclusão de coreano no currículo da escola estadual com as novas políticas do ensino médio? Ao pensarmos em liberdade de escolha para os jovens, somos levados a pensar nessas novas políticas, mas seria correto relacionar esse fenômeno do

currículo escolar com as políticas que ainda serão implantadas nas escolas que oferecem a modalidade do ensino médio?

Uma das grandes mudanças com as políticas do novo ensino médio é a divisão do currículo escolar, moldando-se na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). O currículo seria então dividido nas seguintes áreas: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sendo o conhecimento de língua portuguesa e o de matemática obrigatórios em quaisquer modalidades escolhidas pelo estudante. As mudanças também incluem o aumento de carga horária total para três mil horas.

A proposta de itinerários formativos para que o estudante escolha sua formação por si mesmo é outra mudança que ocorrerá dentro das instituições escolares, e a própria organização da BNCC por áreas de conhecimento terá que ser adaptada por todas as escolas do país, sejam elas públicas ou particulares. Segundo o guia para a implementação do novo ensino médio, nome de um manual de implementação das novas políticas do ensino médio, os itinerários formativos são conjuntos de unidades curriculares que deverão ser ofertados pelas escolas (MEC, 2019, p. 12).

O novo ensino médio sugere uma intensa reformulação curricular e a organização e planejamento do currículo atual das escolas em áreas de conhecimento de forma que haja interdisciplinaridade dos conhecimentos e que dialoguem entre si dentro dos itinerários formativos escolhidos pelos estudantes.

Podemos então dizer que o idioma coreano faz parte de um itinerário de conhecimento como uma adaptação para as novas políticas do Ensino Médio?

É um ponto interessante a ser analisado, ainda mais se considerarmos o forte discurso de escolha e liberdade com base na disciplina de idioma coreano na escola pública estadual. Conforme as descrições que aqui vimos, poderíamos afirmar que o coreano tenha sido introduzido na escola como uma adaptação e projeto teste para as novas políticas, mas com base nas entrevistas e na minha rotina como estudante do curso de idioma coreano, há um discurso ainda mais forte e efetivo sobre a liberdade curricular dentro do idioma coreano.

“Não, foi o Estado do Rio de Janeiro, o educandário que me chamou. Foi um projeto do Estado com o coreano. São projetos que eles estão testando nas escolas. Aí essa pessoa vai pedir para que esse projeto saia do papel eles agora estão fazendo o coreano. Aí eles estão estudando, junto com o consulado, a forma da escola querer colocar o coreano como normal, como o inglês.
[...]

- Trecho retirado da entrevista realizada com a professora de coreano no dia 18/05/2019.

Devemos considerar também a escolha dos estudantes pela disciplina de coreano dentro do currículo. O fato de que um idioma de circulação rara dentro da cidade do Rio de Janeiro tenha entrado em uma escola pública estadual é um fenômeno interessante e difícil de observarmos, como pudemos notar ao longo deste estudo e dos relatos aqui apresentados. Também podemos analisar a possibilidade dos alunos que não têm condições para pagar ou se locomoverem para locais distantes da cidade poderem cursar um idioma que desejam dentro de sua própria escola. A narrativa do desejo está fortemente presente dentro deste estudo e das possibilidades para a inclusão do coreano no currículo escolar.

Apesar de notarmos uma semelhança com as novas políticas do ensino médio, a permanência de outro idioma estrangeiro dentro de um colégio público como forte interesse dos alunos configura-se como um fenômeno não muito notado dentro dos currículos das escolas públicas e privadas. E se realmente esse fenômeno se configura como uma introdução ao projeto do novo ensino médio, outras escolas públicas também deveriam estar promovendo alterações dentro de seus espaços educacionais.

A aplicação de itinerários formativos pelas políticas do novo ensino médio difere das questões apresentadas pelos entrevistados e do que foi observado nas entrevistas e durante o convívio com estudantes no curso do idioma coreano.

Notamos nas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio um movimento mais objetivo com os currículos escolares, reforçando a ideia dos itinerários formativos e da grade curricular geral e obrigatória para os estudantes do ensino médio. Para compreendermos mais sobre o lugar do ensino de línguas estrangeiras modernas dentro de uma instituição escolar, destaco o seguinte trecho pertencente à seção I das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2018):

§ 4º Devem ser contemplados, sem prejuízo da integração e articulação das diferentes áreas do conhecimento, estudos e práticas de:

[...]

IX - língua inglesa, podendo ser oferecidas outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade da instituição ou rede de ensino.

§ 5º Os estudos e práticas destacados nos incisos de I a IX do § 4º devem ser tratados de forma contextualizada e interdisciplinar, podendo ser desenvolvidos por projetos, oficinas, laboratórios, dentre outras estratégias de ensino-aprendizagem que rompam com o trabalho isolado apenas em disciplinas.

[...]

Art.12. A partir das áreas do conhecimento e da formação técnica e profissional, os itinerários formativos devem ser organizados, considerando:

I - linguagens e suas tecnologias: aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino;

Podemos notar novamente a preferência pelo ensino do inglês e do espanhol, expressados abertamente nas DCEM. Há um aprofundamento do conhecimento nos itinerários formativos, caso o aluno se interesse pela área de linguagens e suas tecnologias dentro do currículo escolar.

Com o enfoque em outros idiomas estrangeiros modernos, o coreano cresceu e se consolidou entre os estudantes como uma disciplina diferenciada, obtendo ou não a função de projeto escolar. A presença do coreano dentro da instituição escolar ofereceu uma escolha para os estudantes, diferenciando-se da proposta do novo ensino médio e de seus itinerários formativos, visto que estes são compostos por um bloco de disciplinas de determinada área curricular. Notamos que a disciplina abandonou suas características de projeto para tornar-se uma disciplina inteiramente de escolha, interesse e desejo dos estudantes.

Tendo chegado ao ponto do interesse gerado pelos estudantes no ensino do idioma coreano, vamos compreender mais profundamente sobre esse conceito dentro do campo educacional. Como pudemos ver, as políticas atuais que regem a construção dos currículos escolares poucos trazem a concepção do interesse do aluno ou como contribuir para o seu crescimento.

Seguindo então para o próximo ponto do estudo, vamos observar como podemos trabalhar com a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular e relacioná-la com o acontecimento do idioma coreano como um projeto dentro da instituição escolar.

3.4. O COREANO NA PRÁTICA: COMO SE INTEGRAM OS CENTROS DE INTERESSE COM O APRENDIZADO?

Primeiramente, quando falamos de interesse dentro do currículo escolar, estamos falando das escolhas dos estudantes, bem como suas motivações perante as disciplinas existentes no currículo. O interesse pela disciplina de coreano, como evidenciado anteriormente, conecta-se amplamente com a liberdade de escolha pelo idioma e, também, pela sensação de prazer e de realização dos estudantes.

Vemos que a contextualização de *centro de interesses* no currículo se definiu no início do século XX, com Ovide Decroly (1871-1932). O centro de interesse no currículo seria uma modalidade de aprendizagem onde os estudantes escolhem o que desejam aprender e podem estabelecer o currículo das instituições escolares, sem que necessariamente ocorra a separação em disciplinas dos conhecimentos escolhidos.

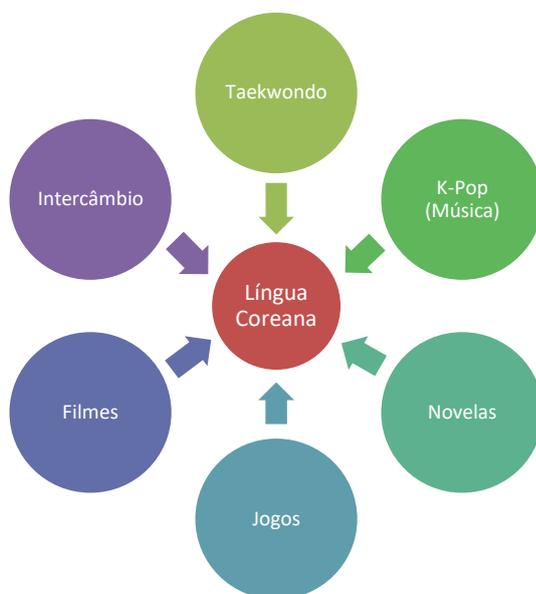
Os centros de interesse no currículo devem fornecer instrumentos para os estudantes dissolverem suas dúvidas e inquietações com o mundo que os cerca e, principalmente, atender prontamente suas motivações. Um único centro de interesse pode ser responsável pela criação de outro e ambos se interligam (FERNANDES, 2017).

O mais próximo que podemos observar das questões de liberdade e escolhas curriculares no Brasil foi o movimento escolanovista, que foi liderado por elites políticas e intelectuais no país. O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, publicado na imprensa em 1932, trazia uma ideia de escola comum para todos, baseando-se no princípio de que essas instituições ofereceriam uma educação *laica, gratuita e obrigatória*.

O movimento escolanovista propõe uma ruptura com o conceito de uma escola tradicional, desmitificando a função do professor como uma figura autoritária dentro de sala de aula, dando uma ênfase maior no conhecimento e no interesse do aluno. Esse momento em que as escolhas dos estudantes, seu desenvolvimento e o desenvolvimento de sua educação emocional estivessem em evidência no contexto escolar trouxe um novo significado para o aprendizado, mudando radicalmente o ambiente escolar (FERNANDES, 2017).

O foco centralizado no estudante e em sua relação com o ambiente que o cerca e em seu desenvolvimento seria a principal preocupação de Decroly. Os centros de interesse teriam um papel de auxiliar no desenvolvimento do aluno e em sua relação com o mundo e são compostos por três etapas: *observação, associação e expressão*. O interesse, definido como sinal interno do indivíduo, e a curiosidade, subentendida como sinal externo do indivíduo, desempenham um papel primordial nessa concepção, podendo conduzir a educação por outros caminhos (FERNANDES, 2017).

Detendo-nos nesse ponto, analisaremos a prática usada pela professora de coreano para desenvolver as suas aulas e obter o interesse dos alunos em constante movimento. Pensando nos itens que foram mencionados nas entrevistas e que os estudantes mostram grande interesse, elaborei a figura abaixo para que possamos compreendê-los:



Separei os maiores interesses dos alunos em seis itens que se relacionam diretamente com o aprendizado do idioma coreano: o taekwondo, os filmes, jogos, novelas, intercâmbio e o k-pop (música). Podemos perceber que esses seis itens integram a cultura sul-coreana e que podem relacionar-se entre si, bem como virem acompanhados uns dos outros, quando o estudante possuir mais de um interesse para o aprendizado do idioma.

Para entender primeiramente o conceito de interesse, baseio-me no filósofo John Dewey. Quando falamos de interesse no campo educacional, falamos também do empenho que o estudante despenderá ao aprender determinado objeto. O interesse aparece como um forte conceito dentro desse caso da adição do coreano ao currículo de uma escola pública estadual, bem como em suas aulas.

Remetemo-nos aos conceitos de interesse presentes dentro do campo educacional e que podemos ver com frequência dentro das instituições públicas e privadas: o interesse puro, o interesse de ter o conhecimento para o saber muitas vezes é transformado em um interesse para ser recompensado; o exato movimento de ganhar recompensas pelo conhecimento alcançado: estrelas, notas altas, rankings das turmas etc.

Vemos no caso das aulas de coreano um interesse genuíno pelo conhecimento e crescimento profissional e pessoal dos demais estudantes no movimento de procurar e se matricular nas aulas presenciais do idioma, seja no curso ou dentro da própria escola pública.

Somos levados a pensar que o interesse é integrado em um mundo solitário, mas o interesse é uma reação daquilo que se passa ou acontece em uma situação da qual os indivíduos fazem parte. O conceito de interesse demonstra que o mundo e o indivíduo estão interligados em uma situação evolutiva.

Contudo, o interesse dentro do campo educacional pode adquirir uma definição ligada diretamente ao sucesso e ao insucesso do estudante; compreendido diretamente nos efeitos que poderá produzir dentro da evolução desse determinado indivíduo. Significa que o interesse está diretamente relacionado à oferta de uma característica de *sedução* ao que é substancial, assegurando a atenção e o esforço do indivíduo através do *prazer*. O interesse do estudante pela disciplina dentro do currículo escolar se exprime diretamente em relação ao seu desenvolvimento ativo; aos resultados previstos e desejados; e tendências pessoais e emocionais (FERNANDES, 2017).

“A gente procurou. Eu ouvi falar de uma amiga minha. Ela já estudava aqui no segundo ano e falou que tinha coreano, aí fui procurar e encontrei ela e ela era da minha turma, mas eu não sabia direito porque ela ficava sozinha. Aí a gente fez a inscrição. É, fomos no auditório, aí eles deram um papelzinho pra quem queria fazer a inscrição no curso de coreano, aí fez uma fila e ficamos lá.”
- Trecho retirado da entrevista com estudantes realizada em 26/06/2019.

A afirmação de que o estudante tenha procurado pelo idioma coreano em ambos os sentidos – tanto no curso do idioma, quanto nas aulas presenciais dentro do colégio – oferece uma fundamentação de que o interesse movimenta ativamente a disciplina.

Ao relatar que não há apenas o aprendizado do idioma nas aulas, mas sim um aprendizado da cultura, do estilo de luta Taekwondo e outros movimentos que se encaixam no cotidiano e curiosidade dos estudantes, a disciplina do idioma coreano destaca-se no ambiente escolar, evidenciando a escolha do aluno, bem como seu movimento para adquirir esse conhecimento e sua realização quando, finalmente, o obtém: “*eu sei falar coreano*”. O fato das aulas não carregarem apenas o aprendizado teórico pelo idioma, mas sim o aprendizado prático por outros itens da cultura e da sociedade sul-coreana agrega um significado ainda mais extenso à ‘*ter aulas de coreano*’.

Percebemos que esse movimento agrega uma gama de sentidos a uma aula de coreano. Por mais que o coreano tenha material didático, avaliações, exercícios, professora e todos os recursos didáticos, não será visto como uma disciplina meramente tradicional.

O interesse não deve ser tratado como aparelhos que o estudante deverá utilizar, mas sim como meios para que cheguem ao resultado final. O cuidado demonstrado pela professora de relacionar o aprendizado do idioma com itens que são do interesse dos alunos torna-se em um método para a construção e significação do aprendizado em sala de aula. É interessante observar esse movimento da intensificação do interesse dos alunos por um objeto que não está efetivamente dentro do currículo escolar e, não somente os estudantes escolheram ter aulas de coreano, mas também se responsabilizaram pela continuidade do projeto na escola ao fazerem textos, falarem com o consulado, se mobilizarem etc.

Observamos como a própria estruturação das aulas de coreano contribuíram ativamente para o crescimento do interesse dos estudantes a respeito do idioma dentro do espaço escolar. A construção do conhecimento do idioma é ativa e baseia-se nas experiências que os estudantes trouxeram para a aula e de curiosidades sobre o idioma em si ou da cultura sul-coreana. Percebemos como os centros de interesse desempenharam um papel fundamental na concepção de aprendizado do idioma coreano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, vimos como a presença do idioma coreano no currículo contribuiu para a liberdade e o crescimento do interesse dos estudantes pelo aprendizado. Percebemos como o interesse do aluno se relaciona diretamente com sua motivação, seu prazer e constrói ativamente a concepção de prática de liberdade dentro do currículo escolar.

Realizar este estudo me fez perceber como é importante alinhar o planejamento de sala de aula com a motivação e o interesse dos alunos, para que eles não se prendam à concepção de uma escola tradicional que apenas se concentra em chegar ao resultado final e não nos processos que levaram àquele resultado.

Trabalhar com uma concepção de interesse ofereceu uma nova perspectiva ao currículo escolar: de que é possível alinhar as disciplinas e áreas de conhecimento ao interesse e desenvolvimento dos alunos, levando em consideração as suas necessidades e o meio ao qual pertencem. Percebemos como a concepção de interesse foi pouco trabalhada dentro do campo educacional e muitas vezes desconsiderada pela escola atual na construção de suas políticas internas e externas.

A adição do coreano como caráter de projeto dentro do espaço escolar forneceu a perspectiva de rompimento com as questões de uma escola tradicional e de como é possível que o aluno faça escolhas e tenha o protagonismo do desenvolvimento de seu crescimento escolar. A relação do idioma coreano com o interesse e o protagonismo infantil contribuiu para a criação de um movimento de resistência dentro da instituição educacional para impedir o fim definitivo do idioma.

As políticas atuais de currículo nas instituições escolares oferecem pouca liberdade e escolha para os estudantes, e a permanência do idioma coreano, que não faz parte integralmente do currículo escolar, ofereceu um objeto de ruptura com esse ciclo e uma nova concepção de currículo para os estudantes, além de proporcionar o prazer e liberdade dentro do conhecimento.

Observar esse movimento de interesse pelos alunos no idioma coreano gerou um sentimento de realização em mim como estudante e futura profissional de educação. Vimos como a simples inclusão do idioma coreano como projeto tornou ativa a movimentação do conhecimento e mudou o ambiente da escola, fazendo com que os alunos se interessassem ainda mais pelo conhecimento e pela escola em que estavam matriculados.

O ato de inscrever-se para frequentar as aulas e da professora incluir em seu planejamento a instigação do interesse de seus estudantes, ao trazer itens da cultura sul-coreana para dentro de sala de aula, fez com que uma nova concepção de escola brotasse entre os alunos: uma escola libertária e que instigasse a participação ativa de todos para a construção do conhecimento.

Percebemos como o interesse é um item fundamental para o rompimento de um currículo tradicional dentro das instituições escolares. Quando falo em interesse, falo também da motivação do aluno para frequentar as aulas e realizar as atividades propostas. O interesse mostrou-se um ponto chave para o rompimento da concepção tradicional do currículo da escola que foi investigada neste estudo.

Investigar e acompanhar o crescimento das línguas estrangeiras modernas neste estudo mostrou como o coreano se desenvolveu em um ambiente predominantemente pertencente a outros idiomas. O idioma coreano deixou de ser considerado apenas um idioma e assumiu um caráter de representatividade e liberdade dos estudantes presos a um currículo e atividades tradicionais.

Observar ativamente o crescimento do interesse dos alunos enquanto frequentei o curso de coreano foi completamente interessante, pois lá também crescia a concepção do coreano como liberdade curricular e rompimento das barreiras educacionais. Os estudantes escolheram o curso e o idioma contribuía ativamente para o autoconhecimento, o desenvolvimento pessoal, o prazer e a realização de participar ativamente da construção de sua percepção social.

O ato de '*saber coreano*' ganhou uma significação ainda maior, pois se relaciona ativamente com a construção do conhecimento, o desenvolvimento pessoal de cada aluno e das práticas de liberdade nas instituições escolares. É fundamental observarmos essas práticas de rompimento com as concepções tradicionais de currículo e de conhecimento para oferecermos o protagonismo aos estudantes, assim como trazer importância para o meio que os cerca.

As discussões levantadas nesse estudo mostram o quanto é necessário a concepção de interesse e motivação dentro do campo educacional. O interesse, quando presente, se mostra alinhado às questões de liberdade e de autoconhecimento dentro do desenvolvimento de cada aluno, bem como sua liberdade no campo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEE, Ki-Moon. RAMSAY, S. Robert. **A history of the Korean language**. New York, Cambridge University Press, 2011.

MACHADO, Raquel. DE CAMPOS, Ticiania R. SAUNDERS, Maria do Carmo. **História do ensino de línguas no Brasil: Avanços e Retrocessos**. Ano 1, nº 1 – 1/2007, HELB (História do Ensino de Línguas no Brasil) disponível em <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/98-historia-do-ensino-de-linguas-no-brasil-avancos-e-retrocessos>. Acessado em Setembro de 2019.

MULIK, Katia Bruginski. **O ensino de língua estrangeira no contexto brasileiro: um passeio pela história**. in Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM, 5(1):14-22, 2012.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

MARTINS, Gláucia Moreira Monassa. **Prestígio escolar: uma corrida de obstáculos – um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ**. Gláucia Moreira Monassa Martins, Campinas, SP: [s/n], p. 75-92, 2015.

THOMAZ, Karina Mendes. **A política linguística do projeto de Escolas Interculturais Bílingues de Fronteira do MERCOSUL: ensino de segunda língua para as áreas fronteiriças**. In Revista Línguas & Letras, UniOeste, vol,11, nº 21, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, Juliana Chiarini Balbino. **Caderno de Prática (1958): os Centros de Interesse**. XV Seminário Temático Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990. Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017.

DEWEY, John. **Interesse e Disciplina**. Democracia e Educação. Tradução de Irene Yen Ling Lau, finalista da licenciatura em Matemática, 1996. Disponível em <http://educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/dewey/cap10.htm>. Acesso em Outubro de 2019.

TOREZIN, Flávia Roberta. **O conceito de interesse na educação brasileira: um estudo em livros-texto e periódicos**. Dissertação de mestrado em educação: história, política, sociedade. PUC, São Paulo, 2006.

BRASIL, República Federativa do. **Lei de Diretrizes e Bases 4024 de 20 de Dezembro de 1961**, disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>, acessado em Setembro de 2019.

BRASIL, República Federativa do. **Lei de Diretrizes e Bases 5692 de 11 de Agosto de 1971**, disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>, acessado em Setembro de 2019.

BRASIL, República Federativa do. **Lei de Diretrizes e Bases 9394 de 20 de Dezembro de 1996**, disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf, acessado em Setembro de 2019.

MEC, Ministério da Educação. **Guia de Implementação do Novo Ensino Médio**, 2019, disponível em <http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/guia>, acessado em Setembro de 2019.

MEC, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias para o Ensino Médio**, 2010, disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acessado em Setembro de 2019.

MEC, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio**, 2018, disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acessado em Dezembro de 2019.

ANEXO

ENTREVISTAS

Entrevista com a professora de coreano.

Pergunta: A senhora lembra quando começou o curso de coreano no colégio?

Nós vamos entrar no terceiro ano esse ano: 2019, 2018 e 2017.

Pergunta: Começou no início do ano ou no meio do ano?

No meio.

Pergunta: E como ele é dentro do colégio? Ele é uma atividade livre? Uma atividade complementar?

Ela não é uma aula dentro como todas as outras, faz quem quer. Ela é fora de aula [horário das aulas]. Os alunos que estudam de manhã fazem durante a tarde e parte dos alunos que estudam de tarde fazem a aula de manhã. Agora nós temos três turmas.

Pergunta: E como é feita a avaliação do curso? Eles têm prova, atividades em grupo?

Isso eu não sei por que os alunos tem um horário e eu só vou para ensinar.

Pergunta: Então essas três turmas são regulares lá no colégio? Como elas foram criadas?

É porque eu não sei quem convidou. Amigos se chamaram, aí a escola fez.

Pergunta: Então essa aula foi o colégio que convidou?

Não, foi o Estado do Rio de Janeiro, o educandário que me chamou. Foi um projeto do Estado com o coreano. São projetos que eles estão testando nas escolas. Aí essa pessoa vai pedir para que esse projeto saia do papel eles agora estão fazendo o coreano. Aí eles estão estudando, junto com o consulado, a forma da escola querer colocar o coreano como normal, como o inglês. Aí estamos tentando e ele já sabe que o Rio de Janeiro não tem professor de coreano, eu falei “Se você colocar coreano na escola, não tem professor” e ele falou “Não se preocupe porque os alunos que estão mais avançados no curso podem ensinar para os

iniciantes”. Então os alunos que entram na escola vão aprender juntos. Por isso não precisa de professores. E o especial seria uma turma apenas de professores, até foi combinado isso, mas ele não falou mais nada sobre o projeto. Aí agora está parado, mas agora chegou um diretor do educandário novo [um diretor da SEEDUC], ele chegou em Fevereiro e agora nos encontramos recentemente estamos tentando novamente. Aí eu queria arrumar uma sala de futuros professores e estamos pensando em pedir ao consulado uma pessoa para poder ensinar essa turma especial.

Pergunta: E como os alunos se interessam pelo projeto? Pelo coreano? A procura é muito grande para as aulas?

Ah, eles adoram porque eu não ensino apenas o coreano na aula. Eu ensino a cultura da Coreia, a comida, K-Pop, falo sobre o tae-kwon-do... Para cada aula temática, nós chamamos e eles vão fazer. É por isso que eles gostam.

Pergunta: Então ainda está nesse impasse de oficializar as aulas de coreano? De tornar ela oficial e fixa como o inglês, não é?

Eu quero que ela se torne fixa e o consulado estipulou que as aulas seriam apenas para os adolescentes. Aí eu gostaria de tentar abrir para todas as faixas etárias - até a faculdade, mas isso ainda está muito longe... Eu também, se eu falar bem português, mas eu tenho um problema de não saber falar muito bem o português, mas se algum lugar abrir para ter aulas e não continuar, aí não é bom. Por isso não aceita e também perguntamos no consulado em São Paulo e ele disse “Ah, só adolescente. Faculdade não dá para apoiar”. É por isso que também não é aceito. Agora esse diretor não vê problema: do primário até a faculdade. Se você continuar a abrir oportunidades, abrirão para todos. Para abrir vagas desde o primário, teríamos que levar os documentos até São Paulo para conversarmos sobre esse assunto.

Entrevista com o diretor do Colégio Estadual.

Pergunta: Quando começou o curso?

2017. A intenção era ter um módulo de coreano e eles começaram com as primeiras séries pra ver se o curso duraria três anos com o primeiro módulo, segundo módulo e terceiro módulo. O pessoal começou em 2017 (do 1º ano E.M.), aí em 2018 fizeram o segundo módulo e agora em 2019 eles estão no terceiro módulo. No ano passado começou mais uma

turma de 1º módulo e esse ano começou mais uma, então estamos com três turmas de coreano. A ideia inicial era uma turma só e os alunos se interessaram muito e mandaram vídeo para o Consulado, então o Consulado voltou a apoiar e mandou mais recurso para contratar professoras...

Pergunta: Então essa ação é do consulado em parceria com a escola?

É do consulado em parceria com a SEEDUC. Com a Secretaria de Educação e depois a escola foi abraçando, né, foi dando mais força.

Pergunta: E como o curso fica dentro da escola? Qual o lugar dele – ele é visto como disciplina, está escrito no P.P.P.?

É, ele está no PPP da escola como um projeto de parceria da escola, mas ele é de contraturno. Então os alunos regulares da escola do turno da manhã fazem coreano à tarde e os alunos regulares do turno da tarde fazem o curso de manhã.

Pergunta: E a forma de adesão dos alunos? Como ela é feita?

Primeiro é feito um convite para todos os alunos. As vagas são limitadas são 25 vagas, mas no início até abrimos 30 vagas. Eles fazem por interesse e depois é realizado um sorteio para o caso de termos mais interessados do que vagas.

Pergunta: Existe alguma lista de espera? Algo parecido ou os alunos vão se alocando nas turmas existentes?

No momento quando abre o curso até existe uma fila de espera, mas ela não perdura para o ano. É uma fila de espera para aquele momento só e depois se resolve isso. E daí assim.

Pergunta: E vocês planejam colocar o coreano de vez no currículo de vocês?

Então isto, na verdade, existem escolas do estado que são escolas é... Multiculturais, isso. Não é o caso da nossa, então nós não temos esse poder. A escola deveria se tornar uma escola Brasil-Coreia para que isso acontecesse e não é o caso. E aí nós não temos isso, não podemos fazer isso. Seria muito interessante, mas aí não é do nosso poder.

Pergunta: Então vocês só tem o inglês como fixo?

Língua obrigatória é o inglês. O Espanhol é optativo e o Coreano, na verdade, é uma parceria aí... Como falar... Um projeto, um projeto na verdade. É um projeto da Secretaria de

Educação. Existem vários projetos e um dos projetos é esse: aprender coreano. Né. Assim como tem projeto de matemática, assim como no ano passado teve um projeto com o SENAC sobre transportes.

Pergunta: Então como começou tudo isso? Foram os alunos que pediram mesmo para você?

Não. O início veio da SEEDUC mesmo. A Secretaria fez parceria com o consulado e foi oferecido para a nossa escola. Como chegou até a nossa escola eu não sei te dizer, mas depois a gente abraçou e os alunos mais ainda. Os alunos adoram e quando o consulado quis terminar, chegou-se a cogitar isso de 2017 para 2018, os alunos mostraram interesse, vídeo, poesia que eles fizeram e o consulado viu que estava tendo resultado e estava tendo alguma coisa. Tanto é que eles estão querendo ampliar até para de noite.

Pergunta: Ah, isso eu ouvi da professora também, só que ela também me falou da dificuldade de encontrar professores de coreano para essa demanda.

Ah, sim. Verdade. Que seria uma dificuldade caso viesse transformar essa escola em uma cultural do Brasil-Coreia. E geralmente essas escolas são integrais, então essa escola de 3080 alunos teria que cair para 700 alunos para se tornar integral.

Entrevista conjunta de duas alunas da turma de coreano no turno vespertino.

Pergunta: Como vocês começaram no curso? Como vocês entraram na turma? Qual foi a forma de adesão, se vocês procuraram de livre vontade, se foram convidadas...?

A gente procurou. Eu ouvi falar de uma amiga minha. Ela já estudava aqui no segundo ano e falou que tinha coreano, aí fui procurar e encontrei ela e ela era da minha turma, mas eu não sabia direito porque ela ficava sozinha. Aí a gente fez a inscrição. É, fomos no auditório, aí eles deram um papelzinho pra quem queria fazer a inscrição no curso de coreano, aí fez uma fila e ficamos lá.

Pergunta: E como tá sendo as aulas para vocês? Vocês estão gostando?

É legal e difícil. Às vezes ficamos o maior tempão tentando entender o que está ali dentro e tem uma hora que não pensamos em nada.

Pergunta: E essa iniciativa da escola – como ela está sendo vista por vocês (estudantes)? De fornecer aulas de coreano, né. Vocês acham que contribui para a formação de vocês?

É uma língua a mais no currículo, né. É ótimo para nós. Chegar lá e falar “eu falo coreano”, não que eu precise usá-lo pra disciplina, mas eu sei.

Pergunta: E vocês acham que esse projeto deveria continuar ou se aprofundar mais na escola – ter aulas mais vezes na semana? Com mais professores?

Poderíamos ter aulas dois dias por semana, mas só temos uma vez por semana.

Pergunta: E como está sendo pra vocês no geral? Como é a relação da professora de coreano com os alunos? De vocês alunos com a escola? Como eles estão vendo esse movimento?

Assim... A nossa relação com a professora é legal. Ela é fofa demais.

Pergunta: E os alunos encaram com naturalidade o coreano na escola?

Um pouco de xenofobismo, mas tudo bem. É no começo sim, mas depois eles se acostumam e depois eles ficam “ah, vocês gostam dos coreanos?”, mas aí ela responde que um dos coreanos é namorado dela.